



TURISMO E CULTURA

DESTINOS E COMPETITIVIDADE

FERNANDA CRAVIDÃO
NORBERTO SANTOS
COORDENAÇÃO

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

**RESILIÊNCIA DOS DESTINOS TURÍSTICOS
DAS PRAIAS FRIAS: DO CANAL DA MANCHA
AO GOLFO DA FINLÂNDIA**

1. Introdução

Nos começos do século XXI, continua o mito das praias tropicais: a publicidade promove como praia ideal a de areias brancas ou douradas, mar calmo, águas quentes, límpidas, muito transparentes, convidando ao banho, ao mergulho, a ver os fundos e os peixes coloridos, céus azuis, palmeiras, palhotas e guarda-sol rústicos, e mesmo resorts modernos, com toda a sua complexa infra-estrutura de lazer, nomeadamente grandes e sinuosas piscinas, com suas pequenas ilhas. Não mais os destinos tradicionais, desenvolvidos desde o início da vilegiatura e do turismo de saúde à beira-mar, na proximidade das áreas de emissão das clientelas, da aristocracia e a alta burguesia endinheirada das grandes cidades da Europa ocidental e central, e também do Novo Mundo (Regina Schluter, 2001 e 2008), tendo em conta as dificuldades e a lentidão da circulação no tempo das diligências, até à navegação a vapor e ao caminho-de-ferro? Outras sociedades, outras práticas recreativas e outros litorais, com abandono dos primeiramente eleitos, que envelhecem e definham, ou comportamentos complexos, múltiplos e diferenciados, global e individualmente, e muitas adaptações dos velhos destinos, com ofertas ajustadas a certas procuras fidelizadas de há muito, mas também a novas procuras? Novos usos da praia, não apenas simples encontro e convívio, banhos de ar, de mar e de sol ou caminhadas e jogos, mas igualmente outros desportos aquáticos e na areia, e também ginástica, teatro, danças, festas noturnas: a

praia como espaço público para muitas atividades recreativas ao ar livre, essencialmente dos jovens ou preferencialmente dos idosos.

Através de múltiplas viagens geográficas e de turismo por muitos destes lugares, procuraremos comprovar esta nossa tese de partida, centrando-nos essencialmente na leitura das paisagens edificadas, humanas e sociais. Destinos turísticos de climas temperados, verões frescos e ventosos, mares agitados, águas pouco quentes e nevoeiros frequentes, mas igualmente de infra-estruturas complexas, qualidade urbanística e ambiental, do mar e da própria praia (bandeira azul/limpeza, segurança), importante oferta hoteleira e de lazer, acessibilidade, mesmo proximidade, patrimónios imobiliários herdados ou adquiridos como residências secundárias, e vida urbana (disponibilização de serviços públicos de saúde e segurança). Destinos que diversificam as suas estruturas produtivas e as bases económicas, mas conservam e renovam os seus quadros ambientais e patrimoniais, multiplicam e inovam os equipamentos recreativos e desportivos, promovem a animação com eventos culturais variados e intensa vida noturna. Resiliências num contexto marcado pelo individualismo e mais ainda pelo crescente envelhecimento demográfico: peso da terceira idade, elemento central da fidelidade das clientelas, já que particularmente sensível à segurança do conhecido e familiar. Resiliências sustentadas pela crise económica, desvalorização de salários, reformas e rendimentos em geral, reforçada por vezes por câmbios desfavoráveis. Resiliências alimentadas pela prática das férias repartidas: partidas múltiplas e estadas curtas, com descoberta de novos destinos (ofertas externas, na base de pacotes convidativos e viagens low-cost) e retorno repetido aos destinos habituais. E também por reduções dos tempos de trabalho semanais, novas mobilidades coletivas e individuais e novas formas de habitar: presenças regulares nos fins-de-semana e pontes; multiplicação dos passeios domingueiros, não apenas nas estações intermédias mas ao longo de todo o ano (C. Cavaco, 2009). As maiores vulnerabilidades encontradas na evolução dos destinos turísticos que analisámos parecem derivar bem menos das condições ambientais que de mudanças de natureza política, com introdução de outras práticas, mas sobretudo de outros valores e outros projetos.

2. Práticas de lazer nos litorais e nas praias

Ao longo dos últimos séculos, registou-se uma evolução complexa das práticas de lazer nos litorais e nas praias, da prescrição médica ao prazer, dos banhos de mar aos banhos de sol, de areia, de vento, de ar e obviamente de gente. De início, a vilegiatura valorizava a mudança de ares e o ar marítimo: este era tido como revigorante e aquela aconselhada para a cura, ou pelo menos o alívio de quase todos os males, sobretudo se dirigida para locais privilegiados, proporcionando convívio e distração, como antes nas termas (climatismo aristocrático). Depois a balneoterapia insistiu na cura por banhos de água do mar, salgada, fria e rica em algas (higienismo terapêutico): Hipócrates na Antiguidade; Richard Russel, em 1769; muitos outros autores e manuais de banhos de mar; lugares de Inglaterra (Brighton), França (Boulogne, ainda em 1790; Dieppe em 1824, com a duquesa de Berry), Holanda (Ostende), Itália (na Laguna de Veneza, em Viareggio, Livorno, Trieste, Civitavecchia ou Rimini), etc. Os rituais eram rígidos, em termos médicos e culturais: horas de estada na praia e correspondentes vestimentas; banhos nas ondas, com maré-cheia; horas do banho para os diferentes grupos, o aristocrático em horário mais quente e o dos pobres ao amanhecer; tempos e modos do banho (poucos minutos; molhar brusco e total, incluindo a cabeça); passeios pós-banho, a pé e ao longo da praia; áreas de banho (homens, mulheres, famílias; banhistas e população local); segurança, garantida por banheiros dos dois sexos, com força e experiência; códigos de conduta e decência, traduzidos nos modelos, tecidos e cores dos fatos de banho e no dever de as mulheres não se deixarem ver com eles na praia.

Recordem-se os carros de banho tradicionalmente puxados por cavalos, usados em Scarborough ainda na primeira metade do século XVIII, como nos revela a gravura de John Settrington, de 1736: pequenas casas de madeira sobre rodas metálicas, com duas portas, à frente e atrás, e um pequeno escadote de acesso móvel. Mas também a construção de balneários, assegurando privacidade e comodidades sofisticadas, nomeadamente banhos quentes e sem o perigo das ondas e das correntes imprevisíveis. E mais tarde, a multiplicação das barracas de praia e dos grandes toldos,

para mudança de fatos e proteção do sol. Mostrar o corpo continuava a ser pecado, algo de demoníaco: em 1900, na Costa do Estoril (Cascais, Monte Estoril, Parede), contestava-se vivamente a falta de delicadeza de sentimentos e de pudor das mulheres que ousavam nadar em águas públicas à vista de toda a gente. Acresce que até aos anos 20 do passado século, apreciavam-se apenas as peles claras, pálidas, que impunham mangas e saias compridas, lenços e chapéus de abas largas, protegendo do sol e diferenciando dos rurais, dos trabalhadores ao ar livre, dos pobres. Tudo mudou depois:

- Aos banhos de mar terapêuticos sucederam o prazer do banho e os lazeres na água, que pressupunham novas independências e liberdades, na base da familiarização com a água e da aprendizagem da natação, e também águas menos frias, mares menos agitados, praias mais seguras e fatos de banho mais reduzidos e bem mais elegantes: *maillots* inteiros, sem mangas e pequeno decote, de Coco Chanel; biquíni, lançado em 1946 por Louis Réart com muito escândalo, adotado nos anos 50 por estrelas de cinema (Jane Mansfield, Brigitte Bardot, Diana Dors) e promovido em 1965 por Marie Claire, com imagens da Martinica e das Bahamas. Ganhavam apreço as peles menos pálidas, as novas tonalidades traduzindo saúde e estilos de vida em contato com a natureza. Enfraquecia o velho moralismo e à medida que os banhistas aprendiam a nadar, enfraquecia também o papel do banheiro, substituído pelo nadador-salvador, e perdia-se a função dos carros de banho e dos próprios estabelecimentos de banhos;
- Também os banhos de sol nos jardins, nos terraços e à beira-mar foram tidos como terapêuticos na Antiguidade e entre os Árabes, mas esquecidos na Idade Média e no Renascimento até aos séculos XVIII e XIX, quando as práticas helioterápicas reaparecem, conjugando efeitos curativos das radiações térmicas, da luz e do ar puro (raquitismo, doenças ósseas, das articulações, da pele, tuberculose, úlceras...), em diferentes ambientes, de montanha ou de litoral marítimo. Helioterapia moderna, na base da ação termo-foto-química dos raios solares, e aeroterapia, com curas atmosféricas alargadas à praia: sol urbano, do campo e da beira-mar, garante de ar jovem, saudável;

sol por todo o corpo, nova relação com o corpo, fatos de banho mais reduzidos, corpos nus (naturismo e nudismo), estadas longas nos areais à beira-mar, sobretudo de manhã e ao fim da tarde, de modo a conseguir o bronzeamento que garante beleza e estatuto social; praias quentes, mediterrâneas e tropicais. É certo que o heliotropismo e o fototropismo tendem depois a ser moderados pelos efeitos cancerígenos de certas radiações ou do simples envelhecimento prematuro da pele, pelo que o excesso de bronzeamento perde prestígio e torna-se inclusivamente sinal de ignorância, descuido, irresponsabilidade. Inversamente, reafirma-se e renova-se a talassoterapia, com ofertas sofisticadas de cuidados de saúde e bem-estar na base da água do mar (captada longe da praia e, posteriormente, depurada e esterilizada), algas e outros produtos marinhos, sempre num ambiente marítimo e em climas temperados e mediterrâneos: tratamentos do aparelho locomotor (reumatismos crónicos, osteoporose e patologias da coluna vertebral e do sistema músculo-esquelético), circulatório e respiratório (processos asmáticos e faringites); cuidados dermatológicos (psoríase) e ginecológicos (problemas de menopausa e puberdade); stress, depressões, insónias e fadiga; mas também estética, com melhoria dos tecidos, combate à flacidez, celulite e envelhecimento cutâneo.

Atualmente, pelas praias frias europeias, do Atlântico ao golfo da Finlândia, observa-se uma variedade de usos, de inverno e de verão, de dia e de noite, só, em família ou em grupo, a pé, a cavalo, de burro, de *charrette*, de bicicleta, ou de esqui quando o mar costeiro gela, em momentos únicos (casamento) ou em momentos simbólicos, de recomeço (Banho de Ano Novo) ou de protesto (ex. manifestação contra o aquecimento global em Ostende). As praias são igualmente espaços de contemplação (espetáculo do mar, do pôr do sol e dos crepúsculos), de jogo e de treino, mesmo de competição internacional (esculturas na areia, papagaios de papel). Para além da saúde, no seu sentido mais lato, o recreio à beira-mar, permite hedonismo, descontração, jogos e desportos múltiplos, na água e na areia, encontro consigo próprio, e não menos intensa vida social e cultural. Criatividade e imaginação humanas

quase ilimitadas, nos usos recreativos das praias, como no turismo em geral, sem lugar para determinismos naturais, das praias frias ou das praias quentes? E na continuidade, múltiplas formas de resiliência dos primeiros destinos turísticos da beira-mar, mesmo quando as condições naturais parecem desfavoráveis? Estes disponibilizam restauração variada, oferta hoteleira diversificada, balneários, casinos, teatros, passeios públicos, campos de ténis, hipódromos, campos de golfe, portos de recreio, marinas, diversão noturna, mesmo se modestos, como Skegness: destino vitoriano acessível por comboio desde 1873, continua a atrair um milhão de turistas e muitos visitantes, motivados pela praia, com o seu *pier*, a tradição dos castelos de areia e das corridas de burros para crianças, não menos pela esplanada marginal, a marina, as piscinas, o casino com jogos de fortuna e azar, o parque de diversões, os eventos culturais e desportivos, os múltiplos festivais, os espetáculos de fogo de artifício, as oportunidades de *shopping*, a muita animação, num quadro natural, paisagístico e cultural com identidade, onde não falta uma aldeia modelo tradicional e um museu dos pescadores.

3. Destinos de sucesso exemplares nas costas inglesas do Canal da Mancha

T. Ramsey, com *Vacanciers sur la plage de Scarborough* (1770), documenta como o lugar juntou ao seu spa termal os banhos de mar ainda no século XVIII, com os correspondentes carros de banho. John Towner (1966) aponta para a Inglaterra e os meados do século XVIII, apenas 7 estâncias à beira-mar mas 35 no início do século seguinte, 107 em 1881 e 147 em 1901, em contraste com a estagnação dos destinos termais (83 estâncias por volta de 1750, 116 nos finais do século XVIII e 119 cem anos depois): destinos na foz do Tamisa, como Margate, Ramsgate ou Southend-on-Sea, nas costas do mar da Irlanda, nomeadamente Blakpool, e sobretudo nas do Canal da Mancha, de clima mais ameno e não longe de Londres e da Europa continental, casos de Eastbourne, Weymouth, ilha de Wight, Torquay e sobretudo Brighton.

Eastbourne, no sudoeste de Inglaterra, com cerca de 98 mil habitantes em 2009, desenvolveu-se a partir de 1849 (chegada do comboio) como importante *resort* de beira-mar, de cariz marcadamente vitoriano, a que acrescentou bem mais recentemente alguma atividade industrial: posição abrigada e soalheira; terrenos aluviais de enchimento da baía, que se prolonga por altas arribas brancas de cré, importante elemento paisagístico; temperaturas amenas, pouca precipitação e forte insolação, nomeadamente em Julho, que sustentam a sua promoção como «The Sunshine Coast», em concorrência com Weymouth; porta para o *South Downs National Park* (conservação de paisagens e *habitats* tradicionais, sem intensificação pecuária e agrícola); herança patrimonial e cultural, da arquitetura da frente marítima, dominada por hotéis, do coreto e do *pier* aos tradicionais tapetes de flores, ao longo da avenida marginal. O turismo constitui uma importante fonte de rendimento e emprego, mesmo dominando as curtas estadas, o MICE, designadamente eventos de cariz internacional (Airbourne, festival aéreo internacional e anual; Campeonato internacional de ténis feminino), o turismo náutico, potenciado pelo recente Sovereign Harbour, o turismo estudantil estrangeiro (aprendizagem do inglês; estudantes recebidos no seio das famílias e com acordos de permuta) e o turismo da terceira idade, em parte residencial. Este reflete-se na estrutura etária da população residente, claramente envelhecida: em 2001, um pouco mais de 25% com 60 e mais anos, não obstante os esforços municipais de oferta de habitação e ensino de modo a atrair e fixar famílias ainda jovens.

O seu desenvolvimento como destino turístico repete, em traços gerais, os percursos identificados em muitos outros exemplos: pequenos casais e lugarejos piscatórios; grandes propriedades rurais, uma delas com um solar; processo de concentração fundiária em dois proprietários, promotores diretos do desenvolvimento turístico; criação de uma cidade nova, «*Burlington*, imperatriz das estâncias balneares», que se desenvolve sobretudo depois da chegada do caminho-de-ferro em 1849. Um *resort* construído «por senhores», designadamente o duque de Devonshire, e «para senhores», na continuação da estada dos filhos de *George III* em casas do conde de Burlington, adequadamente remodeladas no estilo georgiano, ainda em 1780. Na continuidade, nova segurança da navegação costeira (farol em

1831); novos edifícios na Cavendish Place e Cornfield entre 1840 e 1860; aceleração do crescimento urbano pós 1850; construção de uma frente marítima (King Edward's Parade), com grandes hotéis (o Cavendish Hotel abriu em 1873, o Grande Hotel em 1876 e o Queen Hotel em 1880), um hospital (All Saints Convalescent Hospital, em 1867, realmente efetivo em 1879), igrejas, como Trinity District Church (1838), Christ Church (1856) e St. Saviour (1867), o Winter Garden (1875), e muros de proteção contra a força das vagas dos temporais (terminada em 1880). De destacar igualmente: abastecimento de gás e eletricidade (Eastern Gas Company em 1852, Electric Light Company em 1882), espaços para concertos, (Diplock Assembly Rooms, em 1850), jardins e parques públicos com equipamento diverso (Hampden Park, o primeiro parque público, remonta a 1902 e dispõe de condições para a prática de football, rugby, ténis, skate, golfe...), *pier* (1870, com teatro em 1888), teatros (Devonshire Park Theatre, 1873; Theatre Royal e Opera House, 1883; Royal Hippodrome Theatre, em 1904, com capacidade para 1500 pessoas), a fundação da Orquestra Sinfónica nos anos 80 do mesmo século, museus, paço municipal (1886), nova estação de caminho-de-ferro (1886), quiosques, coreto vitoriano, serviço de táxis (1899), novo farol (1902), a Lifeboat Station (1903), serviço de autocarros, cinema (1906), escola de voo (1911), galerias de arte (Towner Art Gallery, 1923), Desenvolvimento turístico com presenças ilustres, como Charles Darwin, Karl Marx, Frederick Engels, George Orwell e no Grand Hotel, Claude Debussy, Winston Churchill, Celine Dion. E desenvolvimento social, traduzido desde cedo na criação de muitas escolas privadas para ambos os sexos.

Eastbourne sofreu os bombardeamentos alemães da IIGG, com destruição de muitos edifícios históricos, evasão da população, fecho dos hotéis, aquartelamento de soldados canadianos do *Dia D*. No pós-guerra, continuou a expansão urbana: blocos de muitos andares na frente marítima, com alguma oposição dos residentes; piscinas, centros culturais e centros comerciais; reorganização da circulação interna, novos espaços recreativos como o Sovereign Harbour (1988) (marina, lojas, habitação de luxo), e novos parques (Shinewater Park, 2002, equipado para práticas desportivas-recreativas, designadamente infantis e aquáticas, nos lagos;

Gildredge Park ou o Princes Park: ténis, basquetebol, futebol, caiaque, windsurf, concursos de papagaios de papel, etc.). Estamos todavia perante uma praia de cascalho, com fortes declives, e um mar não ameno, agitado por ventos e tempestades, mais um elemento da paisagem, mais cenário que espaço de lazer e prazer, exceto para os amantes de práticas desportivas ousadas. A evolução da população sintetiza as dinâmicas do crescimento: 1.668 habitantes e muitos soldados nas fortificações construídas para defesa da costa contra os franceses, de que restam Martello Tower ou Wish Tower e a Redoubt, num total de cerca de 2 mil habitantes nos princípios do século XIX; um pouco menos de 4 mil habitantes em 1851; mais de 22 mil em 1881 e aproximadamente 35 mil em 1891. Mais de um século depois, a população de Eastbourne continua a crescer: em 2007 estimam-se cerca de 95 mil residentes, contra 89,7 mil em 2001.

Weymouth também se situa numa baía abrigada, já comparada à de Nápoles, a menos de duzentos quilómetros de Londres e a ela ligada por caminho-de-ferro desde 1857. No passado dependeu do porto, mas a pesca e o comércio empregam cada vez menos pessoas, ao contrário do turismo, atualmente a atividade principal, mas tendência de estagnação e mesmo de declínio desde meados do século XX: máximo do emprego em 1990, seguido de diminuição. O clima local é temperado, com pequenas variações diárias e anuais de temperatura, e invernos bem mais amenos do que noutras regiões de Inglaterra: geadas e queda de neve poucos comuns; temperaturas da água do mar à superfície, de 7°C em Fevereiro a 17,2 °C em Agosto; níveis de insolação elevados (1768,4 horas/ano, sendo Julho o mês mais seco e soalheiro); pluviosidade (751,7 mm) bem menor que noutras regiões do país, nomeadamente no Verão. O porto facilitava o acesso por mar antes da modernização das vias terrestres, e as ligações com a Europa continental: durante séculos, funcionou como terminal de passageiros e de comércio (lã e especiarias, depois adubos e automóveis), além de porto de pesca, importante tanto para *Melcombe Regis* a norte como para Weymouth, a sul; desde o século XVIII o rio é atravessado por pontes, a atual datando de 1930 e sendo levadiça, o que permite a entrada das embarcações no porto interior. O tráfico de mercadorias cessou em 1972 e o de passageiros em 1987, mas a atividade piscatória mantém-se

importante, a par da turística: acolhe barcos de recreio e iates particulares, abriga a Academia Nacional de Vela e inclui desde 2002 uma nova marina com centenas de lugares de atracação; apoia as ofertas de passeios recreativos por mar à ilha de *Portland* e ao longo da *Jurassic Coast*; é uma importante estrutura para os eventos de vela dos Jogos Olímpicos de 2012. No centro da cidade, o *Radipole Lake*, importante atração turística; pelo interior, terras baixas, mesmo abaixo do nível do mar, e problemas de inundação, menos do lado da Esplanada, protegida pelos molhes e com boa acumulação de areia.

O seu desenvolvimento turístico remonta ao século XVIII, quando o *Duque de Gloucester*, irmão do rei *George III*, construiu a sua grande residência, Gloucester Lodge (depois Gloucester Hotel e por fim, apartamentos particulares), de vistas espetaculares, e passou aqui o inverno de 1780. O rei (no trono desde 1760 e até 1811) adquiriu aquela e elegeu Weymouth para residência de férias de Verão entre 1789 e 1805 (14 anos), acompanhado por outros membros da família real: banho de água salgada, no mar, num carro de banho da época, como cura para as suas perturbações nervosas. Recorda-o o seu carro de banhos, a sua estátua (1810: jubileu) e o White Horse em Osmington (1808), a que se juntaram a estátua de Sir Henry Edwards, representante do lugar no Parlamento entre 1867 e 1885 e o relógio do jubileu do reinado da rainha Vitória, datado de 1887. Ao longo do século XIX houve construção de novos hotéis (Hotel Prince Regent, na beira-mar, originalmente no estilo vitoriano clássico, dos meados século XIX; Hotel Royal e Royal Arcade de 1896) e da Esplanada (Belvedere Terrace): passeio marginal em frente da baía; arco de edifícios virados para o mar e a praia, mandados construir por homens de negócio, também envolvidos no crescimento de Bath; arquitetura georgiana, com balcões em ferro forjado alinhados ao nível do primeiro andar; atualmente bancos, pequenos hotéis, comércio de luxo. Mais além, um pequeno *pier* recreativo e o Ritz (1908), destruído em 1954 por um incêndio e dando lugar em 1960 ao complexo do teatro *Pavilion*. Como noutros destinos de férias da época, arquitetura de distinção, com notória homogeneidade externa, exploração de largos horizontes, jardins, esplanadas, passeios marginais, excelentes hotéis, clubes e campos de

golfe, coudelarias e hipódromos, galerias comerciais, espaços culturais, nomeadamente teatros, portos de recreio, alinhamentos de muitas dezenas de chalés de praia, reconhecidos como património, no geral construções de madeira coloridas, outrora garantes de privacidade e hoje de usos da praia inesquecíveis, na frescura da beira-mar, com os reflexos do sol e da lua e ao som das vagas. Sem esquecer, instalações de acolhimento dos pobres, caso da Workhouse de 1836, depois convertida em hospital, casas para os mais velhos, encontros destes em jantares anuais, contrariando o isolamento, ações largamente promovidas por Sir Henry Edwards.

A praia arenosa e pouco funda favorece os banhos e a natação, sem riscos; a esplanada, os banhos de sol; o areal convida a esculturas na areia, ao andebol e ao voleibol, mesmo aos festivais de papagaios de papel e ao motocrosse; o vento favorece a vela, o windsurf e *kitesurf*; o porto, a pesca à linha e anzol, a partir do *pier* ou no alto mar, e a exploração dos restos dos naufrágios, muito particularmente os do tradicional contrabando. As oportunidades de diversão compreendem também remos, mergulho, carroséis, cricket, bowling, golfe, equitação, ciclismo, caminhadas, festivais de fogo de artifício e mesmo um carnaval nos meados de Agosto, sem esquecer o parque temático Sea Life e as compras (grande densidade comercial e comércio de qualidade). A busca de projeção levou uma empresa hoteleira local a oferecer o que diz ser o primeiro hotel de areia, sem telhado nem casas de banho, construído para celebrar o retorno estival dos turistas ao litoral inglês (quatro escultores, 14 horas diárias, sete dias, muitas toneladas de areia), como um castelo, com a dimensão de um quarto e duas camas de areia. Multiplicam-se também os trabalhos de regeneração da cidade, com vista aos jogos olímpicos de 2012: esplanada, estátua de George III, *pier*, coreto, abrigos de praia de estilo vitoriano, quiosques sazonais; mais e melhor iluminação; construção de um pavilhão para as esculturas na areia e de um novo posto de turismo, de novas fontes, áreas verdes e lugares de repouso (mobiliário urbano). O complexo do teatro *Pavilion* será renovado, sendo criados um centro de acolhimento dos visitantes do evento, um novo terminal de ferries, uma nova marina, um hotel de 4*, arcadas comerciais, apartamentos de luxo.

Torquay situa-se bem mais a oeste, na *Riviera inglesa*, expressão usada pelos vitorianos, pela pretendida semelhança com a Riviera francesa: muitas pequenas praias, algumas mais extensas e equipadas; águas limpas, tal como os areais; colinas e dispersão do casario pelas encostas arborizadas; passeio marginal ajardinado e com palmeiras; pequenos portos de recreio, marinas importantes, vida noturna, comércio de qualidade; alguma popularidade entre ingleses e estrangeiros. Antes pequena aldeia piscatória, beneficiou da ancoragem napoleónica da armada do Canal e desenvolveu-se como *resort* da moda durante o século XIX, quando as elites se passeiam pelos litorais e se multiplicam as cabanas de praia, as vilas brancas nas encostas, sempre com vista para o mar, e as fachadas elegantes pelas ruas principais: acessibilidade pelo caminho-de-ferro desde 1848 e estação central em 1859; jardins cuidados e com cunho tropical (espécies importadas da Nova Zelândia, por volta de 1820), ou pelo menos mediterrâneo, junto do mar; 838 habitantes em 1801, 11,5 mil em 1850, 70 mil atualmente. Torquay turístico deixou de ser apenas um lugar de convalescença, para se tornar sobretudo um destino de férias de Verão de gente abastada com um ar algo italiano, no início do século XX visitado pelo rei George V e pela rainha Mary (1915).

Durante a IGG, dominaram os hospitais e campos militares, a que juntou a função de refúgio das populações de sudeste e de Londres. Com a paz, foi recuperada a clientela turística, nomeadamente a que utiliza o comboio: nos anos 1920 e 30 continuou como um destino de praia elegante. Durante a IIGG, acolheu tropas internacionais, nomeadamente americanas. De novo, com o retorno da paz o retorno do turismo. Até aos anos 1970s este girou em torno do turismo balnear. Atualmente, Torquay atrai visitantes de todas as idades e interesses, na base da regeneração da frente marítima e de novas atrações e formas de alojamento. Conta com praias reconhecidas como de qualidade, segundo critérios europeus (qualidade da água, limpeza geral, acessibilidade para deficientes, equipamento), e muitas pequenas praias de areia, bastante acolhedoras; acessibilidade assegurada de há muito por caminho-de-ferro (2 estações); grandes hotéis como o Torquay Imperial Hotel (atmosfera refinada, com Bodysense Health e Leisure Club com spa, solário, sauna, salão de beleza

e sala de fitness), o Grande Hotel (piscinas exterior e interior e clínica de beleza) ou o Palace Hotel, hotéis com história e hotéis de todos os níveis; marinas internacionais, ferries e passeios de barco; paisagens convidando ao descanso e contemplação; parques de campismo e caravanismo; equipamentos de diversão, atmosfera de festa popular, nos fins-de-semana. O turismo de Torquay evoca Agatha Christie, que aqui nasceu em 1890, bem como Francis Drake (armado cavaleiro por Elisabeth I) e o Golden Hind, o galeão inglês das viagens de circum-navegação entre 1577 e 1580; exposições; jogos de aventura, sobretudo para os mais jovens.

Torquay é tanto uma cidade como um *resort*, na base dos cuidados sociais e de saúde: 'health and social care', refúgio de convalescença sem os invernos frios do Norte e do Leste); muitas possibilidades de natação, vela, mergulho, pesca à linha, surf, bowling (*greens*), passeios de balão, pequenos cruzeiros, ecoturismo e turismo de natureza, ou simplesmente de repouso e distração no Princess Pier, favorito de Agatha Christie. É certo que nas últimas décadas teve dificuldades na polarização dos fluxos de visitantes e turistas: menos turistas e turistas mais velhos; menos dormidas e menos gastos por turista. O complexo TLH, com 430 quartos, recebe centenas de pensionistas na primavera, que retornam todos os anos: pensão completa por preços módicos; piscinas, bowling interior, classes de dança variadas, tudo como num cruzeiro. As suas taxas de ocupação elevam-se a 90% na estação alta e rondam os 65% na baixa, assegurando empregos ao longo do ano, mas apenas isso. A tendência parece inverter-se: turistas com interesses variados, da Arte e Cultura à vida do mar; turistas estrangeiros, nomeadamente estudantes; afirmação no mundo dos iates de luxo, através das modernas marinas, recuperando presenças de ricos e famosos; turistas de passagem (excursionismo) e turistas fora da estação, na continuidade do reforço das ofertas contra a sazonalidade.

No litoral inglês do Canal, o nosso destaque vai todavia para Brighton. Outrora pequena aldeia de pescadores, queimada pelos franceses durante 1514 (restou apenas a estrutura viária nas Lanes), muitas vezes destruída pelo mar, desenvolveu-se desde meados do século XVIII como um *resort* turístico, de saúde e vilegiatura aristocrática: o Dr. Richard Russell, natural da região (Lewes), prescrevia aos seus doentes, que recebia desde 1753

na sua casa junto da praia (clínica de balneoterapia marítima desde 1759, convertida no Royal Albion Hotel, desde 1823), o ar do mar, o banho de mar, o exercício físico e a própria água do mar como medicamento bebível. Aos pretensamente doentes junta-se gente abastada, ociosa e exigente, com seus serviçais, em breve seguida pela grande burguesia. Entre os visitantes aristocráticos refiram-se: o duque de Gloucester, desde 1765, seis anos depois da morte de Richard Russell; o duque de Marlborough desde 1771; o duque de York, que deu o nome a York Place, York Avenue, York Grove, York Hill, York Road, York Villas e ao cinema Duke of York's Picture House; o duque de Cumberland, irmão do rei George III (1760-1820) e tio do Príncipe de Wales, futuro príncipe regente, desde 1771, na casa que fora do Dr. Richard Russell, na beira-mar; o Prince of Wales, em 1783, em casa do Duque de Cumberland (que entretanto se mudara para Grove House, grande habitação construída nos anos 70, a norte de Old Steine), e que por conselho médico (banho de mar, trinta anos depois do dr. Russell) elege o local como seu destino favorito de vilegiatura, então habitualmente no Outono e Inverno (até 1827) (Princes Road, Princes Street, Princes Crescent).

A história de Brighton prende-se sobretudo com os amores de "Mrs Maria Fitzherbert" (viúva rica e católica) e do Príncipe de Wales (jovem extravagante, perdulário, mundano), com casamento secreto em 1785 e não reconhecido pela Constituição (não casamentos da família real com elementos católicos, como o fizera o duque de Cumberland, irmão do rei George III, em 1771), que levou a um segundo casamento, oficial mas pouco convencional, em 1795, com a Princesa Carolina de Brunswick, se bem que sem afastamento total de Maria até à sua condição de Príncipe Regente (1811): em Brighton, o príncipe residia no Marine Pavilion, depois convertido no Royal Pavilion, condigno com a condição de rei, e Maria na Steine House, próxima daquele. Depressa Brighton destronou Bath como principal centro de saúde e cultura do Reino, não obstante a morosidade e o custo das deslocações em diligências (80km e 6 horas para Londres). As praias são de cascalho, o que pouco importava, quando o banho era reservado a doentes e o ar do mar e o sol se desfrutavam dos «terraços», das esplanadas, dos passeios, dos *piers*: o mar com cenário,

a contemplar; a praia como espaço de liberdade, mas que permanecia quase vazia. Manteve-se como destino de vilegiatura da realeza com a Regência de George IV (1811-1820), o seu reinado (1820-30), o de William IV (1830-37) que também visitou várias vezes o Royal Pavilion, tal como a rainha Vitória (1837-1901), entre 1840 e 1845, quando o caminho-de-ferro (1841) já transportava muitos visitantes cuja presença limitava a privacidade da família real, levando-a a optar pela Ilha de Wight. Desde então, Brighton afirma-se como lugar de férias de uma vasta classe média: em 1837, no final do reinado de William IV, as diligências transportavam num ano cerca de 50 mil pessoas de Londres a Brighton; em 1860, o comboio transportava cinco 5 vezes mais; o tempo de deslocação passara de 6 para 2 horas, atualmente menos de uma hora.

O desenvolvimento de Brighton como destino de férias das elites ociosas e endinheiradas fez-se com elevados padrões de qualidade, ao nível da estrutura urbana, da arquitetura, dos lugares de encontro, dos equipamentos culturais, nomeadamente coretos ao ar livre e teatros, e desportivos, pretensamente dos melhores do país, das infra-estruturas, dos serviços, como polícia (vagabundos, prostituição e o que ela arrasta: para os meados do século XIX referem-se 500 lugares de venda de bebidas alcoólicas, uma centena de bordéis, pelo menos 600 prostitutas, e a má reputação da cidade), novos hospitais (Royal Sussex County Hospital, de 1826) e novas estradas. O próprio pequeno rio local foi canalizado para a rede dos esgotos e o anterior leito convertido em espaços verdes e grandes eixos de circulação. Em termos urbanos, relevam-se: esplanadas e passeios à beira-mar, acompanhados por espaços verdes e jardins; praças viradas ao mar ou interiores; largas avenidas; malha urbana funcional como em Hoves; grandes casas, algumas depois transformadas em hotéis ou remodeladas, modernizadas e divididas em apartamentos; hotéis imponentes, sofisticados, como o Grand Hotel (1864), na beira-mar, estilo Renascença italiana (todos os quartos com vista para o mar; ambiente requintado, onde não faltava um elevador, o «vertical omnibus»), ou o Old Ship Hotel, o mais antigo e favorito do Príncipe de Wales, o Royal Albion Hotel de 1826, o Beach Hotel (nome de 1930) de 1828, então designado St. Alban's Hotel, o Hilton Brighton Metrópole, de 1889 («elegância vitoriana renovada»),

o Brighton Hotel, o Lansdowne Place Hotel, também num edifício vitoriano; alinhamentos como Crescentes (conjuntos promovidos por importantes construtores imobiliários e desenhados por arquitetos de renome, com estilos nalguns casos de inspiração grega e italiana), como o Kemp Town Royal Crescent (1798-1807), o primeiro Crescente virado ao mar, o Regency Crescent (1823-50), o Adelaid Crescent (1830-4), o Park Crescent, o Roundhill Crescent, o Lewes Crescent ou o Montpellier Crescent (1843-7); parques no interior, como o Queen's Park; jardins privados e públicos, com seus passeios, pequenos lagos, estátuas e esculturas, grutas, fontes, pontes e cascatas, que exemplificamos com o Royal Gardens, de 1823 (muitos equipamentos recreativos); teatros, como o Royal de 1807; campos de cricket, preferido pela alta sociedade da época, ténis, bowling (*greens*, bolas de madeira), e não menos campos de golfe e hipódromos, com seus anexos, técnicos, comerciais e sociais, os clubes e as suas sedes.

Na construção do lugar destaca-se o uso de novos materiais e múltiplas inovações técnicas, ao nível por exemplo do aquecimento dos interiores, da iluminação a gás, dos materiais de decoração, como no Pavilhão Real, facultados pela própria revolução industrial. Nos arranjos de praia, relevam-se: arcadas de madeira sob o passeio marginal, à margem do cascalho e da areia, sempre viradas a sul, abrigadas e protegidas, e equipadas com cadeiras, onde não faltava a privacidade assegurada por sebes de arbustos; passadeiras de madeira à beira-mar, compatíveis com os vestidos compridos das senhoras e os fatos dos homens, que ousavam aproximar-se da areia molhada e das vagas, acompanhadas de filas de bancos também de madeira; áreas reservadas aos carros de banho e aos barcos dos pescadores que subsistiam; o Chain Pier, construído ainda em 1823, como uma ponte suspensa por pilares de ferro, com funções de apoio aos barcos de travessia do Canal da Mancha, e que se tornara atração; o West Pier de 1866, enriquecido em proteções e equipamentos (sala de concertos em 1916); e por último, o Palace Pier construído de 1891 a 1899, no lugar do primeiro, onde foi instalado em 1901 um espaço de concertos, que em 1911 passou a teatro (demolido em 1986), e que mantém múltiplas ofertas de diversão (onde não faltam os adivinhos, os espaços de jogo e um clube noturno). Junto da praia, coretos para concertos ao ar livre,

na esplanada, e o Volks Railway, o primeiro elétrico (1883), que seguia ao longo da costa, do Aquarium, junto do Brighton Pier, até Black Rock, próximo da Marina, e que subsiste, operando de Abril a Setembro.

Brighton conta muitos elementos simbólicos e comemorativos, uma importante herança patrimonial, inventariada e protegida (áreas urbanas de conservação, pelo seu interesse histórico e arquitetural). Desde logo o Royal Pavilion, transformado entre 1815 e 1823 pelo arquiteto John Nash, a pedido do Príncipe de Wales (rei George IV), num palácio de recreio sumtuoso, sofisticado e estranho, mesmo ostentatório (elementos indianos no exterior e chineses no interior), adequado a um monarca, mas que com a opção da rainha Vitória pela ilha de Wight em 1845, em detrimento de Brighton, entrou em abandono, passando depois para a comunidade local; teatros como o Theatre Royal, Pavilion Theatre, Corn Exchange Theatre, Dome Concert Hall; museus como Brighton Museum e Art Gallery, Toy e Model Museum, e o Komedia; galerias de arte como a Fabrica ou a Lighthouse (nos dois casos, exposição), a Grand Parade e a Phoenix; o Aquarium ou Sea Life Centre, que remonta a 1871.

Os carros de banho continuaram na praia durante todo o século XIX, mas as funções da praia e do mar foram-se alterando, com a natação, já nos finais do século (clubes femininos desde 1891; piscina na praia construída com areia e cheia com água do mar, para comodidade e segurança das crianças), e depois com o banho de sol e a diversificação dos desportos na areia, mesmo se transportada de longe, e aquáticos, na base de infra-estruturas modernas (nova marina com áreas comercial, de serviços e residencial, na base de apartamentos com espaços privados de amarração...). Reforçada a acessibilidade com a difusão do automóvel e a construção de auto-estradas ligando à área metropolitana londrina e ligando o litoral, avolumaram-se os fluxos: trabalhadores em férias, deslocações recreativas de curta duração, mesmo passeios domingueiros ou noturnos; massas idosas e reformadas, sobretudo nas épocas de menor procura e preços mais convidativos; novos residentes ativos em Londres, nomeadamente gente da comunicação e do espetáculo (migrações pendulares) (uma *Londres à beira-mar*). Se Brighton conta atualmente cerca de oito milhões de turistas por ano, muitos deles congressistas (Centro de Conferências),

registra paralelamente um movimento de gentrificação, com expressão na arquitetura das novas áreas, inspirada todavia nos padrões do século XIX.

A cidade dispõe de muitos hotéis e restaurantes, de todos os níveis e preços, bares, clubes, atividades culturais, eventos desportivos e outros (carros antigos, ciclismo, parada infantil, encontros de todo o tipo, muita animação, mesmo uma certa atmosfera boémia, ambiências e parada *gay*); festivais, como o Brighton Festival, à semelhança do festival de *Edimburgo* (música, exposições, debates...); concertos na praia; muitas oportunidades de compras em pequenas boutiques (The Lanes) e antiquários, e também espaços de dominância de culturas alternativas (hippies, punks, gays) e de práticas algo exclusivas (praias nudistas). Sem esquecer, o ensino universitário e o ensino da língua inglesa para estrangeiros. Parece definitivamente esquecida a sua eleição setecentista em matéria de hidroterapia, os carros de banho (caixas de madeira sobre rodas), os banheiros dos dois sexos (por volta de 1790, Brighton contava cerca de 20), a rudeza do molhar a cabeça, mesmo o mergulho, nas águas frias do Canal, e todo o turismo de saúde, fora dos modernos ginásios e spas de alguns hotéis.

Nos meados do século XVIII, Brighton contava cerca de 2 mil habitantes, essencialmente pescadores, mas 7mil nos finais do mesmo, 120 mil cem anos depois, 160 mil em 1961, num contexto generalizado das férias e de enriquecimento social (retardados com a IGG e a IIGG) e de intensificação e democratização das férias no exterior, em destinos mediterrâneos e tropicais (charters, *low cost*, TGV e Eurotunel, residências de férias). Atualmente, a aglomeração Brighton e Hoves aproxima-se de 250 mil habitantes: houve fixação de gente que não trabalha, de gente que trabalha em Londres e de gente que trabalha localmente na satisfação das muitas necessidades dos residentes, comuns ou sofisticadas, e alargamento da área urbana e residencial. Comparando com Londres, é bem mais pequena, mais barata, mais soalheira, mais saudável, mais animada, extravagante, permissiva, tolerante e livre, mesmo boémia, mais luminosa e identitária, e também mais «nobre». Em termos publicitários, Brighton pretende-se «one of the most vibrant, colourful and creative cities in Europe. Cosmopolitan, compact, energetic, unique, fun, lively, historic, young, exotic and free-spirited, it's a city like no other (...). A fantastic

mix of iconic attractions, famed nightlife, award winning restaurants, funky arts, culture & year round festivals & events». Mas desde os finais dos anos 90, também vem sendo promovida como ‘Silicon Beach’».

4. Destinos de sucesso exemplares na costa francesa do Canal da Mancha

Do outro lado do Canal, repetiram-se os processos de criação e desenvolvimento de destinos de turismo à beira-mar, com algum atraso, pelo tempo de difusão das práticas de origem inglesa e pelos efeitos da Revolução francesa na estrutura e nos modos de vida da aristocracia, então a classe mais ociosa e inovadora nas formas de ocupação dos tempos livres por toda a Europa, do Atlântico ao golfo da Finlândia. Pela sua posição em relação a Paris e à Inglaterra, em particular a Londres, pela extensão das praias, pela amenidade do clima, pela qualidade do ar, bem iodado, sem esquecer os benefícios terapêuticos então também atribuídos à água do mar, tradicionalmente recomendada para a tuberculose, asma, anemia, depressão, etc., pelas oportunidades de diversão e de prática desportiva, pelas paisagens rurais do interior, pelo próprio património construído, religioso e civil, a costa francesa do Canal foi desde o início do século XIX uma área de eleição para viajantes e turistas regionais. A sua atratividade foi reforçada pelas novas acessibilidades (navegação a vapor, caminho-de-ferro, autocarros e automóveis, bem mais flexíveis, modernos ferries para pessoas e carros e por último, o Eurotúnel e o Eurostar) e pela democratização da prática de fins-de-semana e férias fora das residências habituais, sem esquecer o simbolismo das praias do desembarque das tropas aliadas durante a II Grande Guerra. Muitos dos que hoje a procuram regularmente são todavia habitantes a tempo parcial, detentores de residências secundárias, com estadias repetidas e mesmo longas, como aquando das férias estivais de outrora, podendo migrar pendularmente por motivos profissionais (C. Cavaco, 2009).

De início, gente abastada, sem limitações nos usos do tempo, elites ociosas, mas também gente das artes e da cultura, nomeadamente atores

teatrais, escritores e pintores, que a imortalizaram nas suas obras. Entre eles, Alexandre Dumas, Gustave Flaubert, Marcel Proust, Victor Hugo, Charles Dickens, Marguerite Duras, Claude Monet, Édouard Manet, Eugène Boudin, Camille Pissarro, P.- Auguste Renoir, Paul Cézanne, sem esquecer os muitos pintores russos, bolsieiros da Academia Imperial das Belas Artes de São – Petersburgo, na esteira dos impressionistas franceses, na segunda metade do século XIX: o céu e o mar, o vento e as nuvens, as mudanças de luz e cor, os pôr do sol no mar em todas as estações, as arribas e as praias, os hotéis e as esplanadas, os estabelecimentos de banho, os carros de banho, as cabines de praia, as muitas atmosferas, os banhistas e os nadadores-salvadores, os próprios turistas, com suas complexas indumentárias. Recorde-se que os primeiros turistas não se bronzeavam, algo vulgar, antes frequentavam a praia em horários de menor intensidade da luz e calor e protegiam-se cuidadosamente do sol com sombrinhas e chapéus; não sabiam nadar, não se afastavam da borda de água, molhavam-se vestidos, andando no mar ou mergulhando a partir dos carros de banho com seus banheiros profissionais ou nos balneários, com todo o conforto e privacidade; valorizavam outras distrações mais conviviais, nos casinos, nos teatros, nos hipódromos, nos campos de ténis e de golfe... Documentam-no *L'heure du bain à Deauville*, *Cabines de Bain à Deauville*, *Plage de Trouville*, *L'impératrice Eugénie à la plage de Trouville*, *Dame en blanc sur plage de Trouville* ou ainda *Dimanche sur la plage de Trouville*, de Eugène Boudin; *La plage à Sainte-Adresse e Sur la plage à Trouville* (1870) de Claude Monet, etc.

Dieppe, na foz do Arques, importante porto de pesca e comércio e centro de laboração do tabaco, com ligação regular a Inglaterra desde 1774, foi lançado como destino turístico por Caroline de Bourbon, duquesa de Berry (balneário Caroline e casino na frente marítima), a primeira aglomeração balnear e de talassoterapia da França, depois de uma primeira iniciativa em 1778, no mar, mas agora num balneário e com água aquecida. A ligação a Paris por caminho-de-ferro em 1848 reforçou a sua atração entre a alta burguesia nacional («*trains-de-plaisir*» Paris-Dieppe), assim como, mais tarde, a presença de Napoleão III e da Imperatriz Eugénie (esplanada e passeio à beira-mar), a abertura da gare marítima (1874),

seguida da regularização dos vapores de passageiros ligando à Inglaterra e polarizando fluxos londrinos: casino mourisco (1886), golfe (1897), hipódromo, Hôtel Royal (1901, hoje apartamentos). Data aliás de 1857 o regulamento municipal dos banhos de mar, que dividia a praia em setores, o das mulheres, o dos homens, e um misto entre eles, e obrigava os banhistas a mudar de roupa em instalações disponibilizadas pelo município ou nos carros de banho. Cedo porém Dieppe sofre a concorrência de outros destinos balneares, reforçada com as destruições da IGG e IIGG, não obstante alguns esforços de modernização: novo casino (1932); atual casino e centro de talassoterapia (1961), novo terminal marítimo (ferries para automóveis) (1994), porto de recreio (1998), num esforço de redinamização do turismo e relançamento da sua economia, que prosseguiu com a reabertura do teatro municipal (1825, remodelado e ampliado no início do século XX), piscinas com água do mar e parque aquático, e um novo complexo de talassoterapia (2007). A população rondava 17,5 mil nos meados do século XIX, 22, 8 mil na viragem do século, cerca de 35 mil cem anos depois, então com tendência regressiva.

Boulogne-sur-Mer era um porto de pesca e de indústria de conservas e um porto de comércio, com importante movimento marítimo internacional (emigração regional para a América do Sul no decurso do século XIX), posição estratégica face ao Reino Unido, reconhecida nomeadamente no século XVI, em contexto de conflito entre a França e a Inglaterra). A derrota de Napoleão e a reinstalação da monarquia favoreceu o retomar das visitas dos ingleses, entre eles Turner, que imortalizou o litoral em muitas aquarelas, mesmo se nos meados do século se acentua a disputa com Calais nos *ferries* de travessia do canal, ganha por Calais – Dover, mais curta: Boulogne-Folkestone, desde 1843, com ligação por comboio a Londres e a Paris; viajantes abastados, sobretudo ingleses. A cidade mantém as suas atividades básicas associadas ao mar, mas ganhou outra vivência com o turismo: clientes das lojas, dos restaurantes, dos cafés e esplanadas; visitantes do mercado, das praças, das igrejas, da catedral, da cidade velha, das muralhas, do castelo, dos museus; e também do porto, do Nausicaa, centro nacional da vida subaquática dos oceanos, e obviamente do casino, do espaço de *bowling*, dos dois campos de golfe dos arredores...

Berck-sur-Mer compreende duas partes, o aglomerado antigo ligado à pesca, hoje quase desaparecida, e o aglomerado novo, associado à praia, de início ao seu papel terapêutico no tratamento da tuberculose, designadamente durante o Segundo Império: hospital marítimo inaugurado em 1869 pela imperatriz Eugénie e inicialmente conhecido como hospital Napoleão, a que se juntaram outros e instituições de caridade, na continuidade do tradicional acolhimento particular de crianças raquíticas em busca de restabelecimento pelo passeio na praia e exposição ao ar muito iodado. Foi criada uma importante função hospitalar, que subsiste como de vanguarda no tratamento de doenças ósseas e patologias do sistema locomotor (ortopedia, reumatologia, traumatologia desportiva, cirurgia óssea, neurologia, reeducação e readaptação, após traumatismos vários), embora o lugar tenha cedo evoluído para destino turístico: praias, dunas, carros de banho e muares, nos primeiros anos do passado século; velhas vivendas do século XIX, e habitantes famosos como a baronesa James de Rothschild, grande benfeitora do local; e obviamente, também um casino.

Consideremos também o conjunto Tréport, Eu e Mers-des-Bains. Esta prolonga Tréport para lá da Breule e das instalações portuárias, renovadas e ampliadas. Eu, vasto domínio dos duques de Orleães, remodelado e preferido como residência pelo rei Louis Philippe, «rei dos franceses», «rei-cidadão» (1830-1848): castelo, parque plantado com ulmeiros, tílias, jardins à inglesa, novos edifícios anexos para reuniões de trabalho e visitantes, entre eles a Rainha Vitória de Inglaterra em 1843 e Turner, e outros dispersos como a pousada de caça, hoje Domaine de Joinville, com hotel e spa e o atual teatro. Com a queda da monarquia de Julho desaparecem as personagens eminentemente políticas mas não os respetivos proprietários, que investem no domínio pelos menos até 1886, data da partida para o exílio do Conde de Paris, neto do rei Louis Philippe, nem o património natural e construído, histórico e monumental, importante recurso turístico, hoje pertença do município. Tréport, na foz da Bresle, ladeada por arribas verticais de cré de uma centena de metros, que alimentam as praias de calhaus, e proporcionam largos horizontes (escadaria de 365 degraus; funicular): Grande Hotel Trianon (1912), no topo das arribas, servido pelo funicular (1908), transformado em hospital inglês na IGG

e destruído pelos alemães em 1942; estabelecimento de banhos e casino (1897) junto do mar, com jogos de fortuna e azar, sala de espetáculos e restaurante; villas à beira-mar da burguesia parisiense, a maior parte destruída em 1944. Depois da IIGG, reconstrução para um turismo balnear, familiar e popular (banho, nautismo, yacht-club, cicloturismo, pesca, museus locais...): boa acessibilidade; proximidade de Paris; fins-de-semana e curtas estadas; população relativamente idosa e em regressão.

Noutros casos, pequenos aglomerados de pescadores passam a destinos na moda, como Trouville-sur-Mer, a mais antiga das estações balneares da Normandia, dos princípios do século XIX, quando chegam os artistas, seguidos pela gente rica de Paris, alguns por recomendação médica: resultou uma estrutura em dois núcleos, um em torno do porto de pesca tradicional, ao longo da Touques, e outro ao longo da praia. Trouville foi frequentada por Charles Mozin (1825), Corot (1826), Alexandre Dumas e Gustave Flaubert ainda em 1836 e mais tarde, em 1853, bem como por Claude Monet e Eugène Boudin, que a pintaram (lembramos o *Hotel des Roches Noires* e *Cenas da Praia*) e nos finais do século XIX, por Marcel Proust, que em 1907 optou por Cabourg, trocando o Hotel des Roches Noires (1866, salas de jogo, spa hidroterápico) pelo Grande Hotel de Cabourg (1861, reconstruído em 1908), mais confortável. Trouville desenvolveu-se desde o Segundo Império (1852-1870) quando *Caroline de Bourbon* (duquesa de Berry), uma das primeiras entusiastas da nova moda de origem inglesa (a de procurar as praias e o ar e os banhos de mar pelos seus efeitos benéficos na saúde), que antes escolhera Dieppe (1824), optou por uma praia menos ventosa para lugar de vilegiatura estival, arrastando uma numerosa comitiva e a alta burguesia. Em 1863 foi inaugurada a estação ferroviária, facilitando as deslocações entre Trouville e Paris (então de 5 horas). Cinco anos depois, em 1868, a construção de um centro de hidroterapia nos jardins municipais., a que se juntam o Édén, espaço de teatro e concertos, hotéis como o Hotel des Roches Noires, o Grande Hotel de Paris, frequentado pelo *jet set* artístico parisiense, incluindo Sarah Bernhardt e Gabrielle – Charlotte Réju (Réjane), e já no século seguinte (1910), o Trouville Palace, com todo o conforto moderno, o novo Casino (1912), sem esquecer o clube náutico, restaurantes famosos.

Trouville ganhou também muita animação: teatro, ópera, ballet, concertos, bailes com orquestra, corridas de cavalos, Yatch Club. Entretanto foram construídas muitas residências privadas, alinhadas ao longo da praia, com uma grande diversidade de estilos (mais ou menos extravagantes: solares normandos, casas alpinas, pavilhões com minaretes, elementos góticos, persas, numa profusão própria da Belle Époque), nalguns casos convertidas em hotéis e museus ou divididas em apartamentos: são exemplos a villa do Conde de Barbantanne (hotel La Taverne), a villa Montebello (museu) ou a villa do Marquês de Rozan.

Nos princípios do século XIX, Trouville contava pouco mais de 600 habitantes, mas 3500 nos meados do mesmo, cerca de 6100 no início do seguinte e 7 mil nos meados do século. Desde então declina, perante a concorrência faustosa de Deauville, que desviou a clientela mais afortunada, evoluindo para um destino familiar: 4864 habitantes em 2008 (variação média de -1,2% de 1999 a 2008 e -0,4 de 1990 a 1999), população envelhecida (20,6 % dos homens e 33,5 das mulheres com 65 e + anos), reformada (39%, contra 31,4% em 1999), com uma forte taxa de mortalidade (16,8%); os ativos trabalham predominantemente no comércio, transportes e serviços diversos (56,5%) e em comunas não de residência mas do mesmo departamento. As residências secundárias e os alojamentos ocasionais elevavam-se a 5280 em 2008, representando quase 65% do total, contra 61% em 1999, mas apenas 2459 em 1975 e 4649 em 1990. Entretanto a capacidade hoteleira não alcançava os 500 quartos (485, sendo 264 em unidades de 3* e +), mas afirmara-se a oferta dos parques de campismo (INSEE). Na clientela turística já não celebridades, não o *jet set*, não as *gentes* de outrora, mas turistas muito mais discretos, simples, comuns. Trouville pretende todavia continuar a ser «A Rainha das Praias», e a combinar festivamente, como no passado, a atividade do porto de pesca tradicional e o correspondente núcleo, preservado com autenticidade, e a da beira-mar turística, os usos do passeio marginal e da praia, larga, segura, de areias douradas e muito limpas, o Sea Water Cures, o Aquarium e o Centro Náutico...

Mais além, Cabourg, entre Caen e Deauville, era um simples lugarejo de pescadores-camponeses, nos meados do século XIX, quando um advo-

gado e homem de negócios parisiense decidiu criar um destino de turismo entre a praia, as dunas e os pastos: Grande Hotel em 1861, perto da praia, reconstruído em 1907, com todas as comodidades e enormes jardins em face, frequentado por Marcel Proust de 1907 a 1914, que o imortalizou em *Em busca do tempo perdido*; no ano seguinte, um casino, espaço mágico do jogo, com decoração dos princípios do século, um grande salão de teatro, concerto, bailes, conferências; Hotel de Paris e muitos outros; paredão e passeio marginal La Digue; novas avenidas arborizadas, vivendas e chalés, numa planta radial em semicírculo, apoiada na frente marítima e centrada no Grande Hotel; visitantes ilustres como a imperatriz Eugénie, hipódromo (no verão, corridas noturnas), muitas oportunidades recreativas e desportivas (golfe, ténis, cavalgar ou andar de *charrette* na praia. E também muitos festivais (festival do Filme Romântico), shows, encontros internacionais, feiras, visita de galerias e antiquários, rota da Cidra, etc.

Outros destinos foram desenvolvidos por promotores imobiliários em espaços totalmente vagos, mesmo pantanosos, como Le Touquet-Paris-Plage e Deauville. Le Touquet-Paris-Plage foi criado num vasto (1600ha) e antigo domínio religioso de dunas, na foz do Canche, junto de uma praia de areia fina, refúgio de desertores durante as guerras napoleónicas: confiscado pela revolução, vendido a privados (1837), que o tentaram valorizar em termos agrícolas, e depois através de silvicultura (pinhal fixando as dunas) e da caça, sem grande êxito. Seguiu-se a valorização da praia e a criação integral de um destino turístico de fim-de-semana, um «Paris à beira mar» para parisienses ricos: beneficiou da acessibilidade a Paris por caminho-de-ferro nos meados do século XIX, eletrificado na viragem do século, e da intervenção de um promotor ligado ao Le Fígaro (fundador e proprietário do mesmo). Nos anos 80, são disponibilizados lotes para construção, *excluindo hospícios, hospitais e unidades fabris de mais de 3 operários*, e construídos chalés em madeira, hotéis, lojas. Em 1894 contavam-se quase duas centenas de construções, mas apenas trezentos habitantes, se bem que muitos outros no Verão. Depois, no início do século, com a venda da restante propriedade (1100ha), houve aceleração do processo de especulação imobiliária e de construção do destino, um destino elegante e um lugar de férias, apenas interrompido pelas duas GG (ocupação militar,

hotéis usados como hospitais): empresários ingleses, pela proximidade dos portos de Boulogne, Dieppe e Calais, facilitando inclusivamente estadas de fim-de-semana; venda dos lotes a ingleses ricos e famosos, que neles mandaram construir villas algo sumtuosas e imponentes, de que restam algumas, preservadas e protegidas como exemplares únicos do estilo anglo-normando, um estilo variado e algo fantasioso; muitas centenas de vivendas dispersas pelo pinhal; ingleses que promoveram o golfe (Club de Golfe, Golfe de Touquet) e o hipismo (Centro Equestre Regional; numerosas coudelarias na região), para além do ténis.

Le Touquet (freguesia autónoma em 1912) tinha capela (depois uma igreja bem maior, substituída pelos correios em 1927), escola e casino, hotéis de luxo e muitas instalações desportivas; explorou águas subterrâneas na criação de um estabelecimento hidromineral, como nos centros termais; fez construir cabines alinhadas ao longo da praia (cerca de 500 no Verão de 1910, por quase um km), e o Palais de l'Europe, antigo casino de La Fôret (teatro, jogo), cujos rendimentos financiaram investimentos urbanos dispendiosos, nomeadamente a construção do passeio marginal. Beneficiou precocemente de abastecimento de água (1905), incineração de lixo doméstico, eletrificação e iluminação pública. Contou hotéis de luxo, ao gosto da clientela inglesa dos Anos Vinte, como o hotel Westminster e o hotel Royal Picardy, inaugurado em 1929 (demolido em 1968): grandes apartamentos para famílias com criados particulares e damas de companhia, ginásio, piscina aquecida, *hammam*, minigolfe, parque de vários hectares e muitos empregados, assegurando as mordomias mais exigentes; e também piscinas de água do mar filtrada, esterilizada e aquecida (1931), então a melhor da Europa (500 cabines, algumas com banheira, solário, sala de repouso, serviço médico de talassoterapia com massagens, restaurante e salão de chá, etc. Acresce o novo edifício camarário (1931), o mercado coberto (1932), a presença de turistas de renome, como Ravel e P-G. Wodehouse, o aeroporto (1936), e muitas festas franco-britânicas.

Em 1938, no Inverno contavam-se apenas 4 mil habitantes mas na estação mais de 30 mil: 2 mil vivendas, servidas por redes de abastecimento de água, eletricidade, gás e esgotos; *Palaces* mas também hotéis de outros níveis, pensões familiares, num total de cerca de 70 unidades. O lugar foi

pilhado e minado com a ocupação alemã, destruído pelos bombardeamentos, e depressa refeito: reconstrução imediata do aeródromo, da piscina, do golfe, do campo de ténis, seguida mais tarde pela do dique-passeio, dos faróis, do casino, da igreja, etc. O processo de reafirmação turística prolongou-se com a criação da Talassoterapia em 1974: artrites, reumatismo, stress; água do mar aquecida, piscinas cobertas de reeducação, de jatos e lúdica, sobre a praia; instituto de beleza com ofertas modernas, como massagens a 4 mãos, ginásio e sala de musculação; acompanhamento médico para estadas superiores a 4 dias; espaços de *remise en forme*, *fitness* e repouso; biblioteca, restaurante dietético, programas desportivos, tonificantes e de emagrecimento. Le Touquet procura renovar e perpetuar a reputação da estância de férias, capaz de atrair os parisienses ricos, os amantes da arquitetura de lugares da beira-mar dos anos 20-30, os amantes de cavalos e de cavalgar na areia molhada (Centro Equestre), sobretudo na maré baixa, os amantes da vela ou simplesmente dos *chairs-à-voile* na praia, sem esquecer os das caminhadas na floresta (percursos sinalizados) e as esculturas gigantes na areia, temáticas e mesmo étnicas. Nesse sentido, conta com o Casino das 4 Estações, com animação durante todo o ano, o Casino do Palácio, o Aqualud (inaugurado em 1986: piscina com ondas, *toboggans*, atmosfera tropical e água a 30°), o porto de recreio, o Palácio dos Congressos (renovação completa), o embelezamento colorido das fachadas das villas particulares com apoio da municipalidade, a renovação do centro urbano, as novas instalações desportivas e a nova oferta escolar (Escola Hoteleira; Cidade educativa), a multiplicação de eventos (Enduropale, na praia e pelas dunas, depois protegidas), a decoração das ruas com flores, sofisticada e elegante, e mesmo iluminada durante a noite, a multiplicação de exposições, concertos, eventos desportivos, festivais, a conservação dos espaços verdes (parques, praças, relvados, jardins, campos desportivos) e a criação de outros, na beira-mar.

A população residente rondava no início deste século os 5,5 mil habitantes, com tendência para a diminuição (-0,5% em média, de 1999 a 2008): o máximo demográfico foi verificado em 1999 (5.596, contra 4.403 em 1968); em 2008, a população de 65 e + anos representava 30% dos homens e 39,8% das mulheres; aos reformados cabiam 44,7% da

população com 15 e + anos (33,2% em 1999); o número de alojamentos elevava-se a 12.171, mas 75,5% eram residências secundárias e alojamentos ocasionais. Le Touquet manteve-se como um pequeno *resort* de praia, sofisticado, caro no custo de vida, na oferta propriamente turística, nos hotéis e restaurantes, nas boutiques, no preço das antigas vivendas, nos serviços privados de Jets Charter, com voos pessoais; também um lugar de turismo residencial, como no caso de Tréport, igualmente com um lado algo familiar (campismo na periferia, Aquaparque, piscinas públicas, além da praia e do passeio marginal ao longo da mesma, sem esquecer o velho carrossel com cavalos de madeira); um lugar que atrai ao longo de todo o ano, embora bem mais nos fins-de-semana e no Verão, e que reforça essa atração com novas ofertas, onde não falta a talassoterapia.

Nesta costa francesa do Canal, o nosso destaque vai porém para Deauville, que nasceu em 1859 por vontade do duque de Morny (meio irmão de Napoleão III, filho natural da rainha Hortense, mãe de Napoleão III, viúva de Luís Bonaparte, rei da Holanda) e do Conde Flahaut de La Billarderie (ajudante de campo de Napoleão e responsável pelo golpe que em 1851 acabou com a segunda república). Homem politicamente influente no Segundo Império e em particular nas grandes operações industriais e financeiras, constituiu uma sociedade imobiliária com o príncipe San Donato (casado com a princesa Matilde Bonaparte), e um médico da embaixada britânica de Paris (vivenda em Trouville-sur-Mer, onde passava habitualmente o verão), com vista à construção (iniciada em 1860), de um novo resort dirigido às classes altas do Império e de toda a Europa, nomeadamente a banqueiros e homens de negócio, do outro lado da Touques, numa área pantanosa (problemas de drenagem de fundações em solos dunares), inóspita e praticamente desocupada, com uma praia enorme de areia fina. Um plano global, num vazio humano, no tempo de Haussmann: malha de ruas paralelas e perpendiculares à costa; criação arquitetural livre e mais ou menos ostentatória (desde logo, as casas dos próprios promotores, como castelos com vista e acesso direto ao mar), construções algo monumentais e excêntricas, com estilos bastante ecléticos (influências clássicas, flamengas, italianas, suíças, mouriscas; estilo néo-normando), e ao gosto das suas clientelas, a grande burguesia de

Paris, agora com facilidades de deslocação com o caminho-de-ferro (gare Deauville em 1863). Alguns dos frequentadores habituais de Trouville mudam-se para o novo resort, mais mundano mas também mais privado, no sentido de «entre iguais», e bem equipado: cabines para mudança de roupa, longe de olhares indiscretos; carros para banhos puxados por cavalos; banhos controlados, de 15 minutos, e sem riscos para a saúde; cadeiras de descanso na praia. Acrescem as muitas outras oportunidades de lazer que se foram desenvolvendo, de modo que muitos dos banhistas não chegavam a por os pés na praia (casino e corridas de cavalos desde 1864; Círculo, lugar de reunião dos proprietários de cavalos desde 1873; golfe desde 1899). A queda do Segundo Império e na continuação, a crise económica e a da aristocracia, interrompeu o ritmo de expansão do lugar, levou mesmo ao abandono do casino. Um novo fôlego será apoiado pela construção de um novo Casino (1912), virado para o mar, inspirado em Versalhes, e um novo grande hotel de luxo, moderno e com arquitetura tradicional normanda; depois, o Hotel da Normandia, inaugurado em 1912, o Hotel Royal Barrière, em 1913, em plena Belle Époque, quando ganha reconhecimento o banho de sol terapêutico e o prazer do banho de mar. Desvalorizam-se os pequenos chalés alinhados, substituídos por centenas de cabines dispondo de abastecimento de água quente e fria, desde 1923, renovam-se as passadeiras da praia com recurso a madeira africana de cor muito particular e, a partir de 1930, o campo de aviação facilita novas ligações, nomeadamente a Londres.

Atualmente, 90% da sua economia depende do turismo: largamente de curtas estadas, de fim-de-semana e pontes, quando a população presente pode ser dez vezes a residente.

Turistas, amantes da praia mas também de cinema, dos cavalos, do pólo, do golfe, dos iates (porto de recreio 1860-1866, para iates em 1903), dos automóveis, que animam uma oferta sofisticada de bens e serviços, do Estabelecimento de Banhos, com suas galerias, átrios e fontes decoradas com mosaicos, ao Casino Barrière (jogos de fortuna e azar) e seus espetáculos, ao teatro, ao Centro Internacional de Congressos, ao Centro de talassoterapia, à piscina olímpica coberta e aquecida (1966; Algotharm). Sem esquecer o Hotel Normandy ou o Royal Barrière, com

história secular, requinte e muitas mordomias de outras épocas, a praça do mercado, onde se vendem produtos locais, os restaurantes estrelados, as boutiques das grandes marcas (Hermès, Louis Vuitton, Prada, Gucci, Printemps), passando pelas galerias de arte e os antiquários, pelas esplanadas, cobertas ou não e no inverno com aquecedores, pela marina, pelos campos e clubes de golfe, pelos hipódromos (corridas de cavalos, como desporto, espetáculo e apostas; concursos de jogadores de pólo – aliás a sua fama deve muito às atividades hípicas), pelos circuitos de kart.

A praia de Deauville foi imortalizada por Claude Lelouch, em 1966, através do filme «Um Homem e uma Mulher»: espaço de liberdade, de contemplação, de descontração, de jogo e faz de conta, de descoberta de si e do outro, mas um espaço organizado, controlado, vigiado, seguro, cosmopolita e familiar; descanso, bronzamento, banho, natação, exercício físico, desporto (mergulho, surf, esqui náutico, prancha e vela, caiaque, mesmo futebol e *volley*, ou modelação de esculturas), e na maré baixa, quando a praia se torna imensa, e fora dos fins-de-semana e das férias, de muito maior ocupação humana, espaço para andar de bicicleta, de *charrette* ou simplesmente galopar: em Deauville o cavalo é rei, mesmo na praia. Ainda, e não menos, lugar para ver e ver visto, num cenário único, humano, sem ocupação muito massificada e sem excessos de sol, até pelas possibilidades privadas de abrigo e proteção. Como outros lugares de veraneio prestigiante, Deauville conta hotéis e restaurantes sofisticados, mantendo o luxo, a elegância, o requinte, a decoração tantas vezes Belle Époque, e a tradição. Mas não descarta a inovação e a arte gastronómicas, a renovação de Palaces e Grandes Hotéis, teatros e casinos, parques e jardins, aquários e centros náuticos, os passeios pedonais à beira da praia, as largas avenidas marginais, os campos de ténis e de golfe, os hipódromos, a incorporação de novos programas recreativos e culturais. Não apenas soirées de música e canto e bailes mundanos, mas eventos muito diversos, como festivais de cinema, designadamente o festival do cinema americano, e também do cinema asiático, de música clássica, de jazz, e tantos outros, a par de reuniões de negócio, congressos, concursos hípicos, rallies... Deauville adquire novos equipamentos, como piscinas exteriores aquecidas, mesmo piscinas olímpicas, escorregas, até comple-

xos acqualúdicos, solários, ginásios, saunas, espaços para massagens e tratamentos de emagrecimento e beleza de todo o tipo, prolongando a tradição renovada de talassoterapia, a conservação das cabines coloridas da praia, a especificidade dos guarda-sol de praia e das vivendas mais simbólicas (caso da La Berloque, que fora de Eugéne Boudin), ou mais sumtuosas e emblemáticas, como a Villa Gardénia e a villa Strassburger. Esta foi mandada construir em 1907 pelo barão Henri de Rothschild, num terreno que fora de Gustave Flaubert, adquirida em 1924 por um milionário americano de interesses hípicas, Ralph-Beaver Strassburger, e classificada em 1975 como monumento histórico. Deauville não só promove o turismo equestre como o prolonga com hospedarias de *remise en forme*, treino e cura dos cavalos (exercícios na praia e no rebentar das vagas, piscinas e talasso para equídeos). Para lá de Deauville, valorizam-se as velhas aldeias de gente do mar, com as suas ruas estreitas e respetivo casario, as pequenas praças com os seus mercadinhos semanais ou estivais, num esforço de preservação de alguma autenticidade do passado, a natureza envolvente, com parques e reservas naturais...

Um lugar ideal para se viver e habitar? Um lugar simplesmente mundano? Um dos muitos lugares da periferia de lazer das grandes cidades do Noroeste da Europa continental, como também Ostende (villa da família real belga, 1875; presença frequente de Alberto I da Bélgica, Hotel Thermae Palace, de 1929, garante de saúde, juventude e beleza, muitas destruições de guerra e importantes reconstruções; proximidade de Bruges e Bruxelas...) ou Scheveningen, junto de Haia. Uma periferia de lazer frequentada também no Inverno? (Paul Claval, 1995). Nos meados do século XIX contava apenas 121 habitantes mas 2874 em 1901 e cerca de 5 mil nos meados do passado século. Atualmente, a população residente ronda os 4 mil habitantes, depois de um máximo de 5664 em 1975: de 1991 a 2008, registou um decréscimo médio anual de 1,1%. Como na vizinha Trouville, é uma população bastante envelhecida (cerca de 28% dos homens e de 39% das mulheres com 65 e + anos) e reformada (44% da população com 15 e + anos, contra 34,45 em 1999); muitos outros habitam em termos secundários (70,4% das habitações são residências secundárias e alojamentos ocasionais) (INSEE). «Subúrbio de Paris numa

opereta Normanda» ou destino verdadeiramente cosmopolita, internacional, um mundo sofisticado de iates, com frequência escocesa, ou de apaixonados por cavalos, também um mundo romântico, que sabe contrariar a sazonalidade dos lugares de turismo de praia? Elegante, requintada e de grande prestígio internacional, Deauville permanece um destino favorito para o *jet-set* parisiense e internacional, que substituiu a aristocracia e a alta burguesia de outrora: «um clássico resort Chanel», que encanta hóspedes milionários, muitos deles ingleses (ligação aérea a Brighton): Coco Chanel era aliás uma frequentadora habitual do lugar.

5. Destinos bálticos perturbados por mudanças nas fronteiras e nos sistemas políticos e sociais

5.1. Heiligendamm; Bansin, *Ahlbeck* e Heringsdorf

A costa alemã do Báltico apresenta-se recortada (braços de mar, pequenas baías e muitas ilhas, com destaque para Fehmarn, Poel, Rügen, Usedom e Hiddensee), uma parte plana e arenosa, acompanhada de dunas, e outra rochosa. Pelo interior, paisagens marcadas por importantes domínios fundiários e velhos castelos, centros políticos e culturais de «imperadores, reis e príncipes»: lugares de refúgio e proteção, expressão de poder, riqueza e luxo (salões, capelas, pavilhões de caça, cavaliças, parques e jardins, ambientes idílicos), também lugares de vilegiatura, muitos convertidos em centros culturais ou alojamento turístico de grande qualidade. No litoral, balneários, grandes hotéis e *palaces*, casinos, teatros, grandes vivendas, mais ou menos preservados durante as grandes guerras do passado século e pelo sistema comunista, na continuidade da divisão da Alemanha pós IIGG.

A água do mar mineralizada, as lamas salgadas, as algas e o ar marítimo, fresco, limpo e iodado, foram usados em termos terapêuticos, completando o termalismo, mas cedo ao turismo de saúde se juntou o de ócio, numa hibridação reforçada com o nazismo e o comunismo. Estes sistemas políticos multiplicaram os sanatórios, lugares de cura dos males do corpo e

das fragilidades do espírito, com acompanhamento médico e se possível repetida anualmente: problemas músculo-esqueléticos, respiratórios, cardiovasculares, ginecológicos, digestivos, ortopédicos, da pele, do sistema imunitário ou locomotor, glandulares, nervosos e depressivos, de stress e ansiedade, de sono, e ainda obesidade, reabilitação, etc. O mar era de novo encarado como uma espécie de farmácia homeopática, ideal nos cuidados de saúde e na melhoria do bem-estar geral, como preconizado há dois mil anos por Hipócrates e bem mais recentemente por Kneipp. Na continuidade, foram revalorizados muitos dos anteriores *resorts* marítimos, criados em lugares despovoados ou junto de pequenos lugarejos de pescadores e homens do mar, mesmo de alguns portos comerciais: perturbando a harmonia arquitetónica do passado, aqui e além, alguns grandes edifícios da arquitetura comunista como sanatórios, casas de repouso, colónias de férias, mais raramente como hotéis.

Heiligendamm, por certo um dos balneários marítimos mais antigos da Alemanha, na proximidade da antiga fronteira entre a Alemanha ocidental e a de leste, exemplifica a passagem da vilegiatura estival ao turismo balnear por parte da aristocracia da época, mas igualmente os efeitos da mudança de políticas, já que integrado na Alemanha oriental. Bad Doberan (cujo hipódromo parece ter sido o primeiro do continente europeu) fora escolhido, nos finais do século XVIII (1793), para residência de verão pelo Grão-duque Frederico Francisco I de Mecklenburg: este mandou então construir no centro histórico do lugar, uma casa senhorial onde recebia os seus nobres convidados, hoje Hotel Friedrich Franz Palais (remodelado em 1992), e logo depois no litoral Heiligendamm, como um bairro de Bad Doberan, conjunto de edifícios vendido em 1870 ao barão von Kahlden e depois a outros e a bancos, a seguir à IGG. Complexo residencial na primeira linha de mar; alinhamento de villas neo-clássicas, brancas; um mundo de paz e calma, entre a costa e o bosque denso; uma «atmosfera única»; spa-hotel Haus Mecklenburg, construído em 1796, e Kurhaus, que data de 1816; lugar de encontro das cabeças coroadas e da mais alta aristocracia prussiana, quando toda a nobreza deixava Berlim em busca da brisa do mar, e também da aristocracia europeia e russa. Mais tarde, Heiligendamm recebeu hóspedes poderosos como Hitler e Goebbels,

veteranos de guerra (como hospital), refugiados nos finais da guerra... Durante o período comunista foi sanatório e colónia de férias estivais para crianças da Alemanha Oriental e da Checoslováquia, com estadias de três semanas, e abrigou uma escola técnica de arte, arquitetura de interiores, design gráfico e industrial, móveis e jóias. Mais recentemente, a mudança de regime, com a reunificação alemã, permitiu aquisições privadas e trabalhos de restauro (1992), nomeadamente de 6 dos edifícios, que formam atualmente o Kempinski Grande Hotel Heiligendamm (abriu em 2003; em 2007 acolheu a cimeira do G8), tido como um dos melhores hotéis de beira-mar da Europa, e de novo um dos lugares mais exclusivos do litoral. Ficam ainda por restaurar muitas mansões do século XIX. Heiligendamm oferece praia de areia branca, rara na Alemanha, vento, sol e chuva e *strandkorbes* tradicionais, individuais e familiares. Pelo interior, uma extensa reserva natural de aves, onde não falta uma moderna torre de observação em madeira, estilizada de pássaro sentado, com capacidade para grupos de visitantes e equipada com telescópio. Um pequeno comboio a vapor (120 anos), o «Molli», percorre repetidamente uma antiga linha industrial de via reduzida entre Heiligendamm e Kühlungsborn, passando por Bad Doberan, num percurso de 15,4km (40 minutos). Kühlungsborn é um outro resort do século XIX, com uma longa praia, pequenos hotéis e pensões, parques de campismo, passeio marginal e porto de recreio, também em processo de reafirmação como destino de férias estival e em renovação. Neste processo, são retomadas as tradicionais aplicações clínicas (reumatologia, osteoporose, doenças degenerativas, recuperação pós acidentes; problemas respiratórios, cardiovasculares, da pele): cuidados no campo da balneologia e hidroterapia, com recurso a água salgada e lamas, ou da climaterapia, explorando as influências bioclimáticas da floresta costeira (tratamentos Kneipp), etc.

Bansin, *Ahlbeck* e Heringsdorf situam-se na ilha de Usedom, na fronteira com a Polónia (445km², sendo 373km² alemãs e 72km² polacos, desde 1945; muitas dezenas de km de praia; população total de 76 mil pessoas, das quais quase 32 mil na Alemanha; acessibilidade por caminho-de-ferro desde 1876) e associada no passado à indústria da guerra (*Peenemünde* no extremo norte, com museu e memorial da IIGG: desenvolvimento de

mísseis balísticos; Peenemünde Historical Technical Information Center). A economia no lado alemão assenta de há muito no turismo, com destaque para os três balneários marítimos imperiais do século XIX: Bansin, *Ahlbeck* e sobretudo Heringsdorf, reconhecido como o balneário do *Kaiser Guilherme I da Alemanha* (1879), que converteu esta ilha em centro de veraneio da família imperial. Na época áurea, foram visitantes habituais os imperadores alemães Friedrich III e Wilhelm II (Villa Staudt em Heringsdorf, onde se ostenta o seu busto). Datam de então muitas villas majestosas da aristocracia e da nobreza e também da grande burguesia (imperadores, políticos, grandes proprietários fundiários, atores, banqueiros, comerciantes e outra gente de dinheiro), verdadeiros palácios algo renascentistas, com estilos mais clássicos ou mesmo Arte Nova, alguns convertidos em hotéis: Villa Achterkerke (1845), Villa von Beust (1848), Villa Fontaine (1859), Villa Sobrasses (1867/68), Villa Oppenheim (1877), *Villa Oechsler* (1883), Villa August e Villa Theresa (1887), Villa Staudt – Villa Bleichröder (1908), etc. Residências de Verão das elites de Berlim em busca de ar fresco e iodado e de um sol doce, que não estrague as suas peles claras e delicadas, passeando pelo longo passeio marginal que liga os três *spas* imperiais ou pelos *piers* (o de Ahlbeck remonta a 1889), lugares ideais para «ver e ser visto», então com as adequadas *toilettes*; estadas estivais longas de 6 semanas a 2 meses. Acrescem alguns hotéis de luxo históricos, como o Usedom Palace, o Strandhotel Heringsdorf (1886), o Ahlbecker Hof, o Kaiser Spa Hotel zur Post (1902), o Parkhotel ou o OstseeTherme (spa termal de saúde, sob vigilância médica, e de bem-estar: alergias, problemas respiratórios e de pele), muitos no meio de parques privados. Na segunda metade do século XX dominaram as novas elites do poder e da política e algumas vanguardas, nomeadamente do nudismo. Com a unificação alemã em 1990, tornou-se destino de fins-de-semana da gente da cultura, das artes e do espetáculo de Berlim, como Brighton para Londres e Deauville para Paris. Na temporada estival (Julho e Agosto), juntam-se turistas nacionais e estrangeiros e multiplicam-se as ofertas culturais e desportivas: festival de teatro, com sessões ao ar livre, como em Vineta. Muitos velhos hotéis foram renovados e dotados de equipamentos modernos, nomeadamente de saúde, bem-estar e beleza, e

criaram-se novos complexos como o Puria Spa em Strandidyll-Heringsdorf ou o OstseeTherme em Ahlbeck.

5.2. Jurmala, Narva-Jõesuu e Parnu

As atuais repúblicas bálticas tiveram histórias conturbadas nos últimos séculos, os de desenvolvimento da vilegiatura e do turismo, de saúde ao lazer. Na Letónia (domínio russo desde 1721 até 1918 e depois da IIGG até 1991) cresceu Jurmala, perto de Riga. A reputação da cidade como estância de turismo de saúde, termal e marítimo (nascentes de água mineral-natural, lamas; vastas praias de areia branca e muito seguras; águas pouco profundas, brisas do mar, ar dos pinhais), começou bem antes da era comunista: nobreza fundiária do século XIX e militares durante as guerras napoleónicas; reforço da atratividade com o caminho-de-ferro que liga Riga – Tukum em 1877; construção de casas de praia, algumas de madeira em estilo *arte nova*, hoje elemento importante do seu património, e de hotéis e *spas*. Depois, no período comunista, construção de muitos sanatórios de férias para altas patentes militares e políticas e sindicalistas de toda a URSS, mesmo *Brezhnev* e *Khrushchev*, num fluxo quase totalmente interrompido com a independência, mas em processo de intensificação (celebridades e homens de negócio russos bem sucedidos), com impactos na renovação e reanimação da cidade. Por um lado, ofertas de tratamentos de climaterapia, fisioterapia e talassoterapia, que remontam pelo menos aos meados do século XIX, sempre com base em recursos naturais, sem descurar o bem-estar e mesmo a estética: banhos, nomeadamente de lama, ginástica, massagens, inalações, eletroterapia, musicoterapia, devidamente acompanhadas pelo caminhar nos parques, jogar golfe, andar a cavalo ou simplesmente de bicicleta; programas específicos antistress, que reduzem a tensão e aumentam a capacidade de trabalho; acompanhamento médico e fisioterapeuta e estadas longas, de duas a três semanas, mesmo um mês. Por outro lado, mudança de ares e de rotinas, repouso e recreio: parques de diversão e um dos maiores parques aquáticos do norte da Europa, aberto todo o ano, bem como um espaço de concertos ao ar livre (festivais), no

lugar de um antigo anfiteatro que remonta a 1897, contemporâneo do sanatório Marienbad (construído em 1870), museus, etc.

Na Estónia destacamos Haapsalu e sobretudo Narva-Jõesuu e Parnu, destinos de veraneio outrora procurados pela elite de São Petersburgo: disputas entre a Rússia, Suécia, Polónia, Dinamarca; territórios que passam da Suécia para a Rússia com a Grande Guerra do Norte e Pedro I, e na continuação, relações intensas com a nova São Petersburgo até 1920; algum desenvolvimento agrícola e forte desenvolvimento industrial, no século XIX, que exemplificamos com a Kreenholm Textile Mills em Narva (1857), iniciativa do barão Ludwig Knoop e expressão da história da indústria algodoeira na antiga Rússia: *máquinas trazidas de Inglaterra, carvão vindo de longe por mar, algodão proveniente inicialmente da América e depois largamente da Ásia Central, operários experimentados da Alemanha e especialistas de Inglaterra*; unidade integrada de produção em cadeia, que chegou a empregar mais de dez mil trabalhadores (1911), e a produzir para toda a URSS e que se mantém, não obstante a privatização da empresa, a grande redução do pessoal e a necessária adaptação às condições do mercado da UE, em que atualmente se integra. Depois da IGG, seguiu-se o reconhecimento mútuo da república da Estónia e da Rússia soviética, mas a independência foi conturbada e interrompida com a IIGG e o estabelecimento da República Socialista Soviética da Estónia, que se prolongou até aos anos noventa: coletivização forçada da agricultura (1949); novas indústrias, arrastando novo povoamento. Destacamos Sillamäe, não longe de Narva (25km a oeste) e da fronteira: cidade nova, planeada; cidade modelo, ostentando as pretensões arquitetónicas do último período estalinista; edifícios neoclássicos, grande escadaria da Praça, continuando por uma larga avenida com árvores; parque e passeio marginal; cidade construída como um lugar de turismo à beira-mar; 16 mil habitantes, cerca de 85% russos de muitas e variadas regiões (antes rondava 20 mil), desempregados desde o encerramento em 1991 das unidades industriais de vanguarda e algo secretas, associadas ao urânio; miséria, marginalidade, prostituição, poluição; viragem para zona de comércio livre entre a UE e a Rússia, com ligação portuária a Kotka, na Finlândia (porto reaberto em 2005).

A atração do litoral da Estónia está associada à descoberta dos efeitos terapêuticos das lamas marinhas e à construção do primeiro *resort* de saúde pelo médico Carl Abraham Hunnius (1825) em Haapsalu, seguido por outros em Parnu (1838), Saaremaa (1840) e Narva-Jõesuu: estabelecimentos de banhos e pessoal médico; casas de aluguer estival para banhistas; lugares muito frequentados pela aristocracia e a grande burguesia russas até à IGG; depois, a revolução de Outubro e a independência arrastaram o afastamento destas classes e a decadência dos lugares, num quadro de empobrecimento geral do país. Haapsalu, a uma centena de km de Talin, atraiu os soberanos russos com certa frequência, nomeadamente Alexander II, de 1852 a 1859, mas também músicos e artistas de renome, como Tchaikovsky: acesso por vapores e desde 1870 também por comboio, cuja importância se traduzia na grande e algo pretensiosa plataforma coberta da respetiva estação. Com a independência dos anos 20 desaparecem as elites distantes e o turismo de saúde do passado, a favor do turismo doméstico, urbano-industrial, na base dos banhos de sol e da natação. Depois, no período soviético, as estruturas de lazer passam em princípio a meios de recuperação das forças de trabalho, físicas e mentais, não diretamente comerciais. Mais recentemente, no quadro da UE, reafirmação da procura estival de praia, sobretudo doméstica e finlandesa, e das ofertas complexas dos hotéis-spa, algo curativas ou na área da saúde e bem-estar, ao encontro da população idosa finlandesa, que também frequenta as velhas saunas.

Narva-Jõesuu, a 12km de Narva (fronteira política da Estónia com a Rússia, 200km de Talin e 155km de São Petersburgo), na foz do rio do mesmo nome, é um pequeno aglomerado de cerca de 3 mil habitantes, muitos deles russos pela nacionalidade ou pela cultura. Outrora simples lugarejo de pescadores, convertido em destino balnear estival russo durante a segunda metade do século XIX (comboio São Petersburgo – Narva, 1870): primeiro balneário em 1876, seguido por outro em 1902 e por um sanatório em 1909; turistas de saúde de São-Petersburgo, mas também de Moscovo e até do sul (Crimeia e Cáucaso); a aristocracia (1872, czar Nicolau II) e a alta sociedade russas; muitos nobres da capital próxima, intelectuais e artistas, pintores e escritores reconhecidos. Estes

fluxos foram interrompidos com a independência, e em parte retomados durante o período soviético, quando as novas elites russas, então mais atraídas pelas praias que pelas termas, multiplicam aqui as suas *dachas*. Daquele passado distante resta o spa, o parque com lagos, o kursaal (1882, concertos, bailes) em ruínas, algumas casas de madeira bem trabalhada e colorida (Villa Capriccio, 1874). A região foi largamente marcada pelas destruições da IGG e as reconstruções ajustadas às novas clientelas domésticas e de proximidade. Depois da IGG, enquanto república socialista integrada na URSS, retoma a vertente de sanatório tradicional, junto do mar, que secundariza o património do século passado, o qual permanece largamente degradado. Narva-Jõesuu reflete as vulnerabilidades da sua posição de fronteira, uma fronteira apagada no tempo da Rússia Imperial e da URSS mas com a conquista da independência, pouco permeável às clientelas de Leste: destino politicamente marginal, enquanto os vistos e a apropriação dificultarem a presença direta dos russos residentes na Rússia (e não através da Finlândia), condição reforçada pelo estado das estradas de acesso, algo degradadas. Recorde-se que na segunda metade do passado século, o turismo da Estónia permaneceu essencialmente interno, doméstico, timidamente báltico depois do estabelecimento de ligações por *ferry* entre Tallin e Helsínquia em 1965, ou entre Narva e Kotka, sempre condicionado pelas limitadas capacidades da oferta hoteleira oficial, pelo menos até aos jogos olímpicos de inverno (1980; regatas), e com claro predomínio dos visitantes de um dia e consequentes impatos no comércio retalhista. Estes traços gerais reforçam-se fortemente já neste século, em termos de oferta, de afluxo, estadas e dormidas de turistas, de diversificação das nacionalidades, mantendo-se o grande peso relativo dos finlandeses, seguidos de longe pelos alemães e suecos, bons clientes dos *health spas*, a par do afastamento dos turistas russos, agora estrangeiros.

Mas o grande destino balnear da Estónia é Parnu, capital de Verão do país, apenas a 126km a sudoeste de Talin: cidade velha, parques sombrios, avenidas arejadas, praias enormes, marina de iates, esplanadas e o hotel Villa Ammende, edifício Arte Nova, de luxo. Surgiu como um spa no século XIX: águas minerais curativas, banhos de lama, sanatórios e

centros de saúde, funcionando o ano inteiro. Nos anos 20 contou com turistas finlandeses e depois, com muitos turistas suecos (tráfego estival de navios Estocolmo – Parnu desde 1936, com paragem em Haapsalu, e gare de embarque exclusiva; perspectivas de ligação da Europa continental com Helsínquia aquando dos jogos olímpicos de 1940). Nos anos 30, Parnu desenvolveu-se como destino de férias internacional, com uma nova arquitetura, explorando o progresso tecnológico: primeiras villas funcionalistas, racionais, algo geométricas, de cor pastel e elementos modernos expressivos da riqueza dos seus proprietários; construção do Beach Hotel (1937), num parque, com todos os quartos virados ao mar, e do pavilhão da praia (1939), ambos em cimento e ferro. No último período soviético, reafirmaram-se os tratamentos de saúde em sanatórios económicos: a população das unidades coletivas passa a frequentar os anteriores *resorts* e os seus equipamentos ou sanatórios próprios (sanatório coletivo agrícola em Parnu); as elites da Estónia, mais ou menos políticas e económicas, procuram por sua vez as praias do Mar Negro. Nos anos 90 Parnu foi deixada aos estonianos da classe média e a finlandeses idosos.

Como destino de férias internacional, Parnu debate-se com dificuldades em ultrapassar o meio século de massificação sem qualidade e o decénio de certo abandono que se seguiu ao colapso da URSS. Certos hotéis continuam sem modernização. Muitos russos compraram casas mas deixam-nas abandonadas e a degradarem-se. Os novos projetos de desenvolvimento local do turismo, de modo a atrair não apenas os mais velhos, como um destino de saúde social clássico, mas também os novos, prevêem: a melhoria da formação profissional dos trabalhadores; alguns novos hotéis com spa, saunas, ginásios, piscinas, centros de bem-estar e beleza; espaços de diversão, como *pubs* e discotecas; parques de campismo e aéreas de lazer, incluindo hipismo; promoção da história da região, etc. O sucesso passará igualmente pela renovação do casario urbano (tornado obrigatório mantendo os estilos) e dos parques, criando uma nova imagem, que contrarie definitivamente a de certo abandono e esquecimento. Passará ainda e uma vez mais, pelo aproveitamento da longa praia de areia, da relativa amenidade do clima, da quietude do lugar.

6. Destinos russos do golfo da Finlândia marcados pela extinção das classes promotoras, a socialização dos patrimónios e a democratização do turismo de saúde e lazer

6.1. Costa sul do golfo

A cidade de São-Petersburgo, nas margens do delta do Neiva (ilhas, terras baixas, inundações, taíga), no fundo do golfo da Finlândia, a latitudes bem setentrionais (60°, noites brancas em Maio-Junho; verões curtos, quentes e húmidos, com vagas de calor que podem ultrapassar os 35°, e invernos longos e frios, com temperaturas mínimas descendo a -35 °), foi fundada pelo czar Pedro I, o Grande, em 1703, durante a Grande Guerra com a Suécia (que se prolongou até 1721), para capital do império, com acesso ao mar e às correspondentes oportunidades de comércio, funções que manteve desde 1713 até 1918. Para além da sua afirmação naval e portuária (Krontad, na ilha de Kotlin, base naval fortificada desde 1704), participou na revolução industrial, que polarizou importantes fluxos camponeses e a expansão residencial, juntando a vertente burguesa à cidade nobre e aristocrática: ligação ferroviária com Moscovo desde 1851 e com Helsínquia desde 1870. Permanece como a segunda cidade do país, depois de Moscovo, a mais «ocidental» e um importante centro cultural: um pouco mais de 5 milhões de habitantes nos anos 80, seguido de forte envelhecimento e acentuado decréscimo, em favor das áreas suburbanas, na continuação da privatização fundiária e imobiliária. São-Petersburgo é também um grande centro industrial, comercial e financeiro, servido por um importante porto, comercial e de cruzeiros, onde intervêm muitas empresas internacionais, e não menos um grande destino de turismo patrimonial e cultural, que prolonga a internacionalização adquirida enquanto capital do império, testemunhada por velhos hotéis como o secular Grande Hotel Europa, por onde passaram muitas cabeças coroadas, líderes mundiais, hóspedes famosos.

Tal como as elites ociosas da Europa ocidental e central, a aristocracia de São Petersburgo, fortemente europeizada desde os inícios do século XVIII, sentiu a necessidade sazonal de mudança de ares, procurando no

Verão lugares de vilegiatura rurais e à beira-mar, tidos como refrescantes, e no Inverno outros com temperaturas igualmente mais amenas, sobretudo os seus elementos de saúde débil, nomeadamente com problemas respiratórios e pulmonares. As suas práticas de vilegiatura traduziram-se na construção de palácios de ocupação sazonal no lado sul do golfo da Finlândia, sempre no meio de parques, recreativos e de caça, a distâncias compatíveis com a morosidade das deslocações da época, lugares de climatismo estival das elites, raramente ocupados no Inverno, que em breve seria vivido em Menton, Nice ou mesmo na Crimeia, nomeadamente na região de Yalta, ou em Sochi, também junto do Mar Negro. Na órbita das famílias imperiais giravam muitas outras, beneficiadas desde Pedro o Grande com a atribuição de *dachas* aos vassallos mais leais: pequenas parcelas de campo, lugares de encontros sociais e culturais, bailes de máscaras e fogo de artifício, muito apreciados pelas classes alta e média alta com a revolução industrial e o crescimento urbano, associando fortes níveis de poluição.

Deve-se à nobreza czarista de São-Petersburgo a criação de lugares como Peterhof (atual Petrodvorets) e Tsarskoe Selo (atual Pushkin). Peterhof, a Versalhes russa, destaca-se pelo seu majestoso palácio imperial, sem dúvida o mais elegante dos palácios dos subúrbios da capital, mandado construir por Pedro o Grande e continuado pela imperatriz Elisabeth: grande palácio; parque, lagos, grutas, fontes, a Grande Cascata e as muitas estátuas. Outros edifícios como o palácio rural de Nicholas, onde Alexander II passava o seu tempo livre, o palácio Marly, mansão barroca também mandada construir por Pedro o Grande como pavilhão de caça, em imitação do Marly Le Roi, de Louis XIV (residência privada e sossegada, alternativa a Versalhes); o Monplaisir, completado em 1723, refúgio preferido de Pedro o Grande, misto de luxo, simplicidade e conforto e lugar de convívio com amigos e conselheiros. A corte optou depois por Tsarskoe Selo, um novo destino de veraneio ainda no século XVIII: uma nova extravagância imperial, sempre em imitação de Versalhes; dois grandes palácios, com seus grandes parques, de centenas de hectares, e jardins de estilo francês, inglês e italiano; alguns edifícios e monumentos dispersos, sempre algo luxuosos, onde não faltou o estilo chinês; catedrais,

salas de concertos, óperas, teatros, mesmo casernas para os soldados da guarda imperial e também estábulos e cemitérios de cavalos. Em 1710, Pedro o Grande decidira atribuir parte do domínio agrícola Sarskaja Myza, antes sueco, com suas aldeias, a sua esposa; Catarina a Grande mandou então edificar para o seu neto Alexander Pavlovich, o futuro Alexandre I, o Alexander Palace, neoclássico, cedido ao irmão e futuro herdeiro Nicholas I, que o ocupou como residência estival (Cottage Palace, completado em 1829, para acolhimento de visitantes favoritos: estilo inglês, um misto de mansão litoral, castelo gótico e casa senhorial rural, igualmente com parque, jardins, fontes decorativas). Tsarskoe Selo tornou-se a nova Aldeia Real: durante o reinado de Alexandre III a corte passou pouco tempo no Alexander Palace; em 1905 este passou a residência permanente da família do último imperador Nicholas II (vida bem menos pomposa e opressiva que na Capital). Aqui funcionava o Liceu, criado em 1810 por Alexander I e frequentado pelos filhos da nobreza. A catedral de Santa Catarina foi mandada edificar por Nicholas I. Como lugar das elites, beneficiou precocemente de ligação por caminho-de-ferro com Pavlovsk (1836), iluminação elétrica, sistema de abastecimento de água, adequada rede de esgotos (drenagem, limpeza, boas condições sanitárias e ambiente saudável), bem como muitas instituições médicas, educativas e filantrópicas, bairros residenciais, alguns reservados a militares, para além de boas comunicações com a capital.

Outros lugares beneficiaram igualmente da construção de palácios imperiais. Lomonosov (antes Oranienbaum e um pouco mais de 35 mil habitantes) conta um palácio de férias do século XVIII, concebido como oferta a Pedro o Grande de um amigo e conselheiro e pretensamente maior que o de Peterhof, mas só acabado por Catarina a Grande, e como todos os outros no meio de um parque. Bem mais no interior, em Pavlovsk, nos finais do século XVIII, princípios do seguinte, foi construído um palácio para residência rural do czar Paul I, com parque de estilo clássico e jardins de estilo inglês. Em Gatchina, surgiu em 1766-81 o palácio do conde Grigory Orlov, favorito de Catarina II, também com parque, «magnífico no inverno», monumentos, esculturas e jardins, lagos e ilhas, hoje essencialmente lugar de exposições. Bem mais além, em Talin, *Pedro*

o Grande ordenou em 1710 a construção de um solar de beira-mar em estilo holandês para a sua esposa Catarina, uma vez mais um palácio de verão, com parque, jardins, lagos e fontes, que foi totalmente remodelado por *Nicholas I* em 1827, mas depois abandonado por todo o século XIX (Kadriog Palace). Em Marino, não longe de Petrodvorets, os Stroganovs, também nobres, criaram um destino de inverno, numa viragem de valores paisagísticos (o sol ou a neve) e de lugares de férias, com o aumento das comodidades das construções (aquecimento doméstico) e as facilidades das deslocações.

No século XX multiplicaram-se as destruições das guerras externas e internas e alteraram-se as estruturas políticas e sociais e as elites de São Petersburgo, que possuíam e frequentavam estes lugares. Com a revolução de Outubro, o palácio mandado construir em Pushkin pela imperatriz Elisabeth, particularmente grande, rico e variado em termos arquiteturais e em esculturas de decoração, passou a museu, enquanto outras mansões da nobreza funcionaram como instituições de ensino e de saúde; no início do século XXI, a cidade era um centro industrial, militar, académico, científico e turístico, cuja população rondava os 95 mil habitantes. Em Marino, o palácio dos Stroganovs foi usado como sanatório operário, depois vendido e renovado pelos novos proprietários como *resort* de férias algo senhorial, onde não faltam um grande samovar, a sauna finlandesa e os jardins. As *dachas* foram também elas nacionalizadas com a revolução de Outubro, as maiores e de melhor qualidade reservadas aos funcionários do partido comunista no poder e à nova elite cultural e científica emergente, sempre apenas em termos de uso, tradição que em parte se mantém para governantes, académicos, militares e outros elementos VIPs, nomeadamente intelectuais e artistas; muitas outras foram convertidas em casas de férias das classes trabalhadoras, e também em pequenas hortas/quintais para produção de bens alimentares frescos e sem pesticidas nem adubos, em particular hortaliças, frutas e animais de capoeira; algumas dispunham de pequenas construções de apoio, no geral em madeira, com ligação às redes de água e eletricidade e condições mínimas de retiro de fim-de-semana e estival, sempre segundo as condições de mobilidade privada ou pelos transportes públicos. Entretanto, crescera a população residente por

toda a costa sul e diversificaram-se as atividades económicas, com clara secundarização do veraneio de raiz czarista e depois, do turismo em geral. A dinâmica turística da costa sul durante quase todo o século XX mostra claramente a fragilidade associada à das classes sociais em que assentou desde o início e à das formas materiais adotadas, palácios imperiais dificilmente adaptáveis ao turismo de massa, menos ainda ao turismo social, bem como a mais simples fluxos de visitantes com motivações históricas, culturais e patrimoniais, que hoje tendem a dominar nos que foram devidamente restaurados, convertidos em museus e abertos ao público.

6.2. Costa norte do Golfo

Nesta, nomeadamente por todo o istmo de Karélia, dominavam pequenos povoados de origem finlandesa (instabilidade e deslocações da fronteira), eleitos como lugares de férias estivais bem mais tardiamente, nos finais do século XIX, e pela nova burguesia e alguns intelectuais, homens da literatura, poesia, música, artes e ciências de São-Petersburgo (Ilya Repin, Ivan Pavlov), ao mesmo tempo que se multiplicavam os spa-sanatórios. Desde logo em Sestroretk, cujas origem remonta a 1714, quando Pedro o Grande aí mandou construir uma fábrica de munições, e no seu prolongamento, um lago com objetivos energéticos, que evoluiu para *resort* balnear e climático, mas com condicionantes associadas à sua incorporação no grande ducado da Finlândia em 1812 e nova transferência para a Rússia em 1864. Como destino de férias, beneficiou da proximidade de São Petersburgo, do acesso facilitado pela correspondente linha férrea desde 1894, junto de cuja estação se desenvolveu a partir de 1898 o Health Resort (Sanatorium Sestroretsk Korort), num domínio de mais de 50ha, o primeiro *resort* de saúde no noroeste da Rússia. Nos finais do século XIX Sestroretk foi descrita como uma pequena cidade, de ruas limpas e casas alegres, muitos visitantes em férias, boas praias, um parque plantado ainda no tempo de Pedro o Grande, lago pitoresco e, não longe, um *resort* de saúde: águas minerais naturais, hidroterapia, lamas, parque e jardim, espaços para concertos e atuações de bandas.

A afirmação turística da costa norte na viragem do século XIX para o século XX, incidiu particularmente em Repino e mais ainda em Komarovo: estação em 1903, igreja em 1908, e como residentes antes da revolução russa, escritores, industriais, joalheiros, terapistas, bailarinas; cerca de mil habitantes atualmente, mas 5 a 6 vezes mais nos meses de Verão. Incidiu também em Zelenogorsk, finlandesa até 1939. Foi largamente suportada pela nova via-férrea e depois pelas principais estradas que seguem paralelas à costa, a diferentes distâncias. Mais tarde, no período soviético, a região foi também muito procurada para *dachas* da elite partidária e política, prolongando a colonização finlandesa dos finais do século XIX: para 1916 são apontadas 800 *dachas* em Komarovo. Com a independência relativamente à Finlândia em 1917, muitas destas foram abandonadas e centenas dos seus edifícios desmontados e reconstruídos do outro lado da fronteira, na continuação da emigração dos seus proprietários. A fixação da fronteira em 1940, com a sua anexação à União Soviética, e o fim da II Grande Guerra traduziram-se numa nova multiplicação de pequenas *dachas*, de menos de 10 mil m², atribuídas gratuitamente a membros da Academia das Ciências e também a escritores, compositores, artistas do teatro e cinema, sem esquecer os cientistas atômicos, que nelas instalaram casas de madeira standard recebidas da Finlândia como reparação de guerra. Sempre figuras proeminentes da ciência e da cultura, que aqui residiam larga parte do ano, trabalhavam regularmente e conviviam, refletiam e discutiam nos tempos livres.

Kurort, Sestroretsk e Zelenogorsk continuam como resorts marítimos, junto do Báltico, de águas pouco salinas e largas praias de areia convidando a banhos de sol, em férias estivais em família, muitas vezes como resorts de saúde (sanatórios, centros médicos de recuperação, restabelecimento, nomeadamente nos casos de doenças do coração e do sistema nervoso, na falta de importantes recursos termais, com oferta concentrada um pouco mais além, na Karélia), atrativos para a população local e regional e outra, do país e mesmo estrangeira: no Verão, o tempo é muitas vezes frio e ventoso, pouco convidativo para a natação mas adequado ao windsurf ou ao *jet-ski*; o mar é pouco profundo, permitindo longas caminhadas na água sem riscos; as praias descobertas,

tendencialmente largas, são espaços de liberdade, mesmo de prática de nudismo; no interior há pequenos lagos glaciares, dunas de areia, florestas, algumas protegidas, verdes no estio e brancas no inverno; são possíveis andar de esqui e bicicleta, equitação, pesca, apanha de cogumelos, morangos silvestres e framboesas. Sestroretk conta atualmente clínica, restaurante, salão de festas, orquestra sinfónica quase permanente durante o Verão, acesso ao lago por via férrea, galeria envidraçada para caminhar junto à costa no Inverno ou quando chove, e na proximidade, um clube de golfe e espaços para prática de esqui e *snowboard*, condições que asseguram o seu reconhecimento internacional como um dos melhores resorts da região.

Nos finais dos anos 80, princípios de 90, na continuidade da Perestroika, constataram-se importantes mudanças: privatização, divisão e distribuição da propriedade; afirmação de novas burguesias endinheiradas, novas classes mundanas e festivas, um novo jet-set com os seus clubes; fluxos distantes e externos de turistas; renovação, qualificação e multiplicação da oferta hoteleira e dos centros médicos associados, no caso dos sanatórios; delimitação de praias privadas, com acesso pago, como nos parques temáticos (limpeza da praia, segurança, equipamentos recreativos e outros, piscinas, parques infantis, restaurantes e esplanadas, clubes noturnos, festas na praia, mesmo de noite); reconhecimento da propriedade plena das *dachas*. Se muitas *dachas* funcionam como pequenas casas de campo, ocupadas no verão, em muitas outras combinam-se simplesmente ocupação pelos próprios durante uma parte do ano (condições de aquecimento em pleno inverno) e arrendamento estival a residentes urbanos, como é comum nas áreas periurbanas e rurbanas da velha URSS e de todo o mundo ocidental. Outras porém, constantemente melhoradas e equipadas, passam de residências secundárias a residências permanentes, e são negociadas livremente no mercado da habitação. A tradição das pequenas *dachas* esbateu-se claramente nos finais do passado século, quando começaram a ser procuradas por outra gente, que compra e refaz as antigas, pequenas e muito iguais, ou adquire ou faz construir modernas mansões, de tijolo, cimento e ferro e não mais de madeira, sempre algo pretensiosas, quase pequenos palácios, onde não faltam estátuas de mármore, pequenos lagos

e fontes, piscinas interiores, campos de ténis, estábulos para os cavalos, sebes com arame farpado e câmaras de vigilância e mesmo guardas, e jardins com espécies exóticas e de prestígio, substituindo o tradicional quintal, umas ainda como residências sazonais e outras já como residências permanentes, numa clara expressão pública do seu novo nível de prosperidade e riqueza e com ele novo *status* social. Estamos perante uma nova geografia dos tempos livres, das estruturas sociais, das formas de construir e habitar: homens de negócio, construtores civis, gestores de importantes empresas; novos modelos, como casas de montanha do Cáucaso, castelos da Baviera ou da Disneylândia; anexos como pequenos parques, piscinas interiores, campos de ténis, estufas de flores; e também alguns edifícios inacabados, na sequência de fugas apressadas dos respectivos proprietários. Em suma, ao contrário do verificado na costa sul do golfo, o turismo na costa norte, embora perturbado pelas mudanças da fronteira com a Finlândia, ajustou-se bem mais facilmente às condições políticas e sociais que marcaram a sociedade russa durante os últimos cem anos, já que não estrangulado pelas formas palacianas e os seus grandes parques e jardins, quando desapareceram as classes que as promoveram e sustentavam.

7. Destinos estruturalmente vulneráveis, pelas condições naturais ou pelos projetos de construção e funcionamento

7.1. Ilhas Frísias do Norte

Ambientes naturais particularmente frágeis; concentrações de areias transportadas pelas correntes e à mercê das marés e dos temporais; um mundo de dunas e de sapais descobertos na baixa-mar; terrenos estabilizados pela vegetação e pelos diques; trabalhos de proteção e de alimentação das praias repetidos e dispendiosos; marés muito pronunciadas, das quais dependem os próprios serviços de ferry. As tempestades são aqui frequentes e violentas, o vento é uma constante, traduzida simbolicamente na inclinação dos gigantes verdes da Station Square de Westerland, desde

2001. A insolação é relativamente elevada (constância dos ventos de oeste e noroeste; ausência de relevo). A corrente do Golfo tem efeitos amenizantes das temperaturas do ar, mas o frio e a neve são uma constante no Inverno. Contam-se apenas 650mm de chuva por ano, mas o tempo é incerto, também no Verão. O ar é puro, permanentemente renovado e sem poluições. O mar é «gelado». As praias possibilitam longos passeios pela costa, sobretudo na maré-baixa. As dunas garantem setores solitários, até para nudismo. Os horizontes são largos, sem barreiras topográficas. Como recursos turísticos, o sol, o mar e a praia, mas também o frio e o espetáculo da força da Natureza, e cada vez mais o próprio vento e a forte ondulação, em particular para a vela, o surf, o windsurf, o *kite surf* e o *kite buggy*.

Sylt é uma das ilhas frísias mais significativas em termos de turismo, verdadeiro «refúgio de ricos e belos», suficientemente afastada das cidades emissoras (ao contrário de Scheveningen, perto de Haia, ou de Ostende, não longe de Bruges e de Bruxelas, e mesmo Sankt Peter-Ording, no extremo da península de Eiderstedt, principal resort marítimo da ex-Alemanha ocidental), mas desde 1927 comodamente ligada ao continente por uma estreita língua de terra, um dique com cerca de 12 km, sobre o qual foi construída uma ferrovia, que transporta também automóveis, e que completa a acessibilidade por ferry e aérea. Trata-se de uma ilha pequena, com apenas uma centena de km², muito estreita (pouco mais que uma dezena de km entre Westerland e Morsum, o setor mais largo), baixa (dunas que no máximo se elevam a meia centena de metros) e bastante alongada, com 40 km de praias arenosas a oeste (a leste, o *Wadden Sea*, integrado no *Schleswig-Holstein Wadden Sea National Park* e reserva ornitológica desde 1935, largamente descoberto na maré baixa). Sylt, a "pérola do Mar do Norte", conta vários núcleos turísticos, nomeadamente *Westerland*, *Kampen* e *Wenningstedt-Braderup*. Kampen, nos anos cinquenta e sessenta, atraía muitas celebridades alemãs; Wenningstedt é um destino familiar com mais de cem anos; Westerland é o principal aglomerado local, cujas origens remontam aos meados do século XV, e um destino turístico desde 1865, quando foi criado um spa marítimo, e um *health resort* oficialmente reconhecido desde os meados do passado

século, a que se adicionam como atrativos as tradições locais, históricas, culturais, arquitetônicas. Muitos dos seus atuais visitantes «habitam-na» a tempo parcial.

São muitos os lugares de turismo de Sylt, uns mais familiares, outros bem mais desenvolvidos e mundanos, com uma hotelaria diversificada e de qualidade, unidades dotadas de serviços modernos e sofisticados, e ofertas diferenciadas de tratamentos do corpo, da mente e da alma, com forte componente de bem-estar e beleza (saunas, solário e um steam bath; tratamentos de lama, massagem de pedras quentes, acupuntura, terapias relaxantes, *ayurveda*, *hamamm* e até *shiatsu*). Mas igualmente um mundo de residências secundárias, de uma burguesia regional, sobretudo de Hamburgo, muitas dispersas pelas aldeias tradicionais, com as suas casas de telhados de colmo, no meio da natureza, dos campos e pinhais, e suas igrejas e museus, seus moinhos de vento, e muitos equipamentos de desporto (natação, volley e futebol de praia, pesca, nautismo, surf, espaços equestres, birdwatch) ou simplesmente de diversão (avenida à beira-mar, casino, salas para concertos, teatro, bares e cafés dançantes, clubes noturnos, como em Westerland, balneário desde 1855 e cidade desde 1905). Sem esquecer as possibilidades de caminhadas, percursos a cavalo, pelas dunas ou à beira-mar, percursos de bicicleta, observação de focas ou de aves, etc.

A economia de Sylt assenta atualmente quase apenas no turismo, cuja história remonta aos meados do século XIX, quando foram construídos os primeiros hotéis. A concorrência não se fez esperar: destinos do Báltico como *Heiligendamm*, ou das Ilhas frísias mais ocidentais, como *Norderney*, que nos finais do século XVIII se tornara no primeiro resort alemão no Mar do Norte: balneários e carros de banho puxados a cavalos, alojamento em casa dos habitantes e logo depois em novas casas de madeira. Depois de alguma estagnação, o recomeço pós 1811: em 1836 o príncipe herdeiro George de Hanôver, duque de Cumberland, visitou Norderney e desde 1851 frequentou-a regularmente em cada Verão, atraindo outros ricos e famosos; em 1866 a Prússia anexou o reino de Hanôver e a ilha voltou a ser uma vez mais o resort real marítimo da Prússia, já em concorrência com outros resorts do Báltico (*Heiligendamm*, 1794). Na continuidade da sua

afirmação turística, foi construído o farol, primeiro em madeira (1848) e depois em pedra (1870); o moinho data de 1862 e o passeio litoral com quase um km, no topo nordeste da ilha, de 1858. Paralelamente, crescia a população residente e a turística e multiplicavam-se os equipamentos: estábulos, hospital, escola, sistema de abastecimento de água, eletrificação e iluminação, fábrica de gás e um *pier*. Este desenvolvimento foi interrompido durante a I Grande Guerra e retomado sobretudo desde 1925, com apoio em voos regulares da Lufthansa. Nordeney na parte NE da ilha, apresenta edifícios da viragem do século XIX e igualmente outros bem mais modernos, de vários andares.

O turismo litoral das ilhas Frísias não se limita a Sylt. Por exemplo a sul, a ilha de Föhr, menos pitoresca, mas sem mar aberto, oferece praias imensas e amplas dunas, ideais para famílias: areias para construção de castelos; pequena ondulação e segurança; possibilidade de longas caminhadas até ao continente ou à ilha de Amrum, na maré baixa, pelos bancos que a maré-cheia cobre; descoberta das terras interiores, com paisagens idílicas, a pé ou de bicicleta. Wyk na costa sudeste da ilha, é um centro regional das ilhas de *Föhr* e *Amrum*, com economias baseadas no turismo: disponibiliza serviço médico, social, correio, abastecimento comercial, para toda a população insular, que no verão chega a quadruplicar; tem também um pequeno farol, um museu local, uma igreja do século XIII. Nos princípios do século XVIII, Wyk era um porto e uma cidade mercado. Cem anos depois, passou a ser também destino de férias de saúde à beira-mar, o primeiro do género no Schleswig-Holstein, que em 1840 contava cerca de 200 hóspedes. De 1842 a 1847 o rei da Dinamarca *Christian VIII* elege-a como o seu resort estival, atraindo muitos outros turistas, desde logo *Hans Christian Andersen*, da comitiva real, que a valorizou como lugar de banho, pela qualidade da água, não obstante a pouca acessibilidade (4 dias por estrada, de Hamburgo até Föhr, e dois por barco, via *Heligoland*). Foram aqui comuns durante o século XIX, os tradicionais carros de banho, levados até a praia por cavalos, como outros destinos balneares, que substituíram a cabine de madeira construída em 1855 especificamente para os banhos de *Christian VIII*; foi construído um passeio marginal. Um número elevado de sanatórios e instituições de

convalescença asseguram hoje a sua frequência ao longo de todo o ano, garantindo os rendimentos locais.

O «Colosso de Prora» ou «Colosso de Rügen», situa-se na ilha de Rügen, uma ilha marcadamente turística. Colónia de férias exemplar da ideologia nacional-socialista, uma de um conjunto de cinco, projetadas para o litoral do Báltico, de que serviria de modelo e que acolheriam 1,5 a 2 milhões de «turistas»: linha de edifícios costeiros de cerca de 5km; 8 blocos residenciais de 500m de comprimento por 25m de largura, de que restam 5; blocos todos iguais e com 6 pisos; espaços comunitários todos os 500m; curvatura do alinhamento acompanhando a da baía; algo em comum com os edifícios de «sanatório», mas concebido como um navio; escadas de acesso à praia entre os edifícios; pátio central de cerimónias entre os dois grandes conjuntos, a norte e a sul, e um molhe na praia, na sua continuação; uma centena de metros de cantinas no lado do mar, entre os blocos e a praia; teatro e sala de receção no extremo sul; edifícios para os serviços de apoio/vigilantes; acessibilidade garantida com a construção complementar de uma linha de comboio com ligação a Binz. A capacidade de alojamento elevar-se-ia a 20 mil pessoas: «cabines» de 2, 5 por 5m, com duas camas, um armário e um lavatório (sanitários e chuveiros comuns/exteriores aos quartos), todas com janelas com vista para o mar e acesso por um longo corredor do lado de terra; estadias de 10 dias; vinte mil pessoas por ano.

O projeto foi promovido por Hitler, através «Kraft durch Freude» (Força através da felicidade/alegria) integrada na DAF (Frente Alemã do Trabalho, sindicato fascista único), a quem cabia desenvolver atividades culturais, recreativas e lazer para os operários alemães, «cuidar da constituição estável dos camaradas nacionais»: concertos, passeios, teatro, ópera, viagens e festas, dando ao «homem comum» os prazeres antes apenas disponíveis para os ricos, sem descuidar a preparação mental e física para a guerra. Como modelo, a organização fascista «Opera Nazionale Dopolavoro», criada por Mussolini em 1925 com a intenção de ocupar o tempo livre dos trabalhadores, intervindo no lazer individual, na esfera privada, com controle total sobre cada indivíduo, sem fronteira entre o privado e o público.

Erigido entre 1936 e 1939 como colónia de férias na praia, em cuja construção intervieram nove mil trabalhadores de todas as grandes construtoras do Reich, foi definitivamente abandonado em 1942, tendo permanecido inacabados ou apenas planeados parte dos complexos de entretenimento. Representa todavia uma das maiores obras de cimento armado da Alemanha de entre as duas GG, que se afirma pelos materiais, pelas técnicas de construção, pela arquitetura (o projeto definitivo foi em 1937 galardoado com o Grande Prémio de Arquitetura, na Exposição Universal de Paris), austera e monumental, sendo reconhecido como património histórico. Durante a IIGG serviu de refúgio e hospital, com a ocupação soviética teve usos militares, posteriormente na RDA acolheu as elites policiais e militares, mais tarde comportou um albergue de juventude com 500 camas, estúdios de artistas, lojas de venda de relíquias da Alemanha de Leste, um Centro de Documentação da *Neue Kultur*, espaços de exposições de arte e história e de simpósios e conferências internacionais, onde não faltam projetos privados e oficiais de adaptação parcial a hotel.

A ilha de Rügen (cerca de mil Km², litoral recortado com aproximadamente 570 km, ligada ao continente desde as anos 30 do passado século) é também famosa pelas suas arribas de cré imortalizadas por Gaspar D. Friedrich (1818), pelo pequeno Parque Nacional de Jasmund (criado em 1990; 30Km²) e pelos seus velhos balneários, que durante o século XIX e princípios do seguinte a converteram num importante destino de férias de Verão, com visitantes famosos como Bismarck, Thomas Mann, Einstein e o próprio Hitler. Conhecida como a «Costa do Sol da meia-noite», a «Brighton dos Berlinenses» ou a «Nice do Norte», dispõe de praias de areia branca e fina; dias longos, até pelo crepúsculo após o pôr-do-sol e antes do nascer do mesmo, poucos com chuva; condições para banhos de mar seguras, já que quase sem marés nem ondas e com águas não frias no Verão; não excessos de calor, ao contrário do Mediterrâneo. Continuou a ser bastante frequentada durante o período comunista e viu a sua procura crescer depois da unificação alemã e da consequente abertura ao Ocidente, embora ainda sem o *glamour* de Sylt: além de turistas alemães, turistas escandinavos, até pela ligação por ferry ao porto sueco de Trelleborg, e turistas ingleses que, habituados

à dureza do Mar do Norte, valorizam a tranquilidade e segurança do Báltico, sem ondas nem marés e com água surpreendentemente quente, não obstante a inexistência de aeroporto. *Putbus* remonta a 1816 como destino balnear: fundado pelo príncipe Wilhelm Malte I apresenta uma arquitetura única, praça com construções neoclássicas, em contraste com as casas de pescadores, de telhados de colmo. Nos seus atrativos, o castelo dos começos do século XIX, centro de um grande domínio: estilo neoclássico, com colunas da entrada principal dos começos do século XX, e restaurado nos finais do passado século. Acrescem parques e jardins, banhos termais, piscinas aquecidas e com ondas, spa com ofertas diversificadas, espaços desportivos, campo de golfe, espaços para *volley* e futebol de praia, corridas de cavalos na praia (Outono), ciclovias, centro interativo. Binz é o seu principal centro balneário: antes uma vila piscatória, desenvolveu-se turisticamente desde os finais do século XIX: 80 visitantes em 1870; ligação por estrada da aldeia com a praia em 1875; construção do primeiro hotel em 1876; aceleração do desenvolvimento turístico a partir de 1888; ligação por caminho-de-ferro de via estreita a Putbus em 1895; velhas mansões, cuidadosamente restauradas, hotéis de qualidade, longo passeio marginal, baía com vasta praia de areia branca; *pier* desde 1902 (600m), destruído por uma tempestade em 1905, reconstruído em 1908, colapsado parcialmente em 1912 e destruído pelo gelo em 1942; comboio a vapor para passeio em torno da ilha; spa termal no Seehotel Binz-Therme. Com o programa (DDR) "Aktion Rose" muitos hotéis, pensões e mansões privadas passaram a propriedade social, dos sindicatos (*FDGB*, corpo federal da União dos Sindicatos da Alemanha Oriental), de modo a proporcionar férias baratas aos seus membros; desde 1972 aquela federação sindical construiu novos centros de férias, a norte e a sul de Binz. Mais recentemente, com a reunificação, muitas mansões retornaram aos anteriores proprietários e seus herdeiros, que as refazem e modernizam... Apesar desta nova dinâmica insular, a reutilização do «Colosso de Prora» em termos de turismo parece difícil, tanto mais que as construções e a estrutura do complexo não se ajustam às exigências das atuais procuras, bem menos massificadas, antes diferenciadas, individualizadas, pessoais e comple-

xas. Assim sendo, a insustentabilidade do destino nada tem a ver com as condições naturais ou o fim do ciclo de vida do destino, mas antes com a rigidez e inadequação do próprio projeto, erro exclusivamente humano e político.

8. Referências bibliográficas

- CLARY, D. 1977, *La façade littorale de Paris. Le tourisme sur la côte normande. Étude géographique*. Paris: Ed. Ophrys.
- CAVACO, C. 2009, Os espaços rurais como espaços de vida: mobilidades residenciais e novas formas de habitar, in *Os territórios de baixa densidade em tempos de mudança*. Proença-a-Nova: Centro de Ciência Viva da Floresta, pp. 39-72.
- CAZES, G. 2000, La fréquentation touristique des littoraux français: une remarquable 'durabilité', *L'information géographique*, n.º 4, pp. 289-299.
- CLAVAL, P. 1995, The impact of tourism on the restructuring of European Space, in *European Tourism. Regions, Spaces and Restructuring* (edit. Armando Montanari e Allan M. Williams), John Wiley, pp. 247-262.
- DEWAILLY, J. 1990, *Tourisme et aménagement en Europe du Nord*, Paris, Masson.
- DUHAMEL, P. & VIOLIER, P. 2009, *Tourisme et littoral: un enjeu du monde*, BELINsup.
- Équipe MIT 2002, *Tourismes 1. Lieux communs*, Belin.
- Équipe MIT 2005, *Tourismes 2. Moments de lieux*, Belin.
- FLAMENT, É. & DEWAILLY, J. 1998, Le Tourisme Littoral in Gamblain, A. (coord.) 1998, *Les littoraux. Espaces de vies*, Sedes, pp. 179-205.
- GAMBLAIN, A. (coord.) 1998, *Les littoraux. Espaces de vies*, Sedes.
- KNAFOU, R. 2000, *Scènes de plage dans la peinture hollandaise du XVIIIe siècle: l'entrée de la plage dans l'espace des citadins*, Mappemonde, 58, pp. 1-5.
- LAGEISTE, J. & RIEUCAU, J. (dir.), 2008, *La Plage: un territoire atypique*, L'Harmattan.
- LOPEZ, E. B. 2007, Aproximación al estudio de la helioterapia. Revisión histórica, in *Medicina Naturista*, vol. 1, n.º 2, pp. 86-100.
- NABIEVA, O., TCHISTIAKOVA, E., CABANNE C., MIOSSEC, A. 1997, Mutations touristiques et tourisme littoral en Russie, in *Norois*, 175, pp. 445-462.
- RUSSEL, R. 1769, *A dissertation on the use of sea water in the diseases of the glands [electronic resource]: particularly the scurvy, jaundice, King's-evil, leprosy, and*

- the glandular consumption. Translated from the Latin of Richard Russel, M.D. To which is added, a translation of Dr. Speed's commentary on sea water. Also an account of the nature, properties, and uses.* London: printed for W. Owen.
- SCHLUTER, R. 2001, *El turismo en Argentina. Del balneario al campo*, CIET.
- SCHLUTER, R. 2008, *Turismo. Una visión integrada*, CIET.
- SPODE, H. 2004, Fordism, Mass Tourism and the Third Reich: The "Strength through Joy" Seaside Resort as an Index Fossil», *Journal of Social History*, Volume 38, Number 1, pp. 127-155 (<http://www.eh.net/XIIICongress/cd/papers/4Spode382.pdf>).
- TOWER, J. 1966, *An historical Geography of Recreation and Tourism in the Western World, 1540-1940*, Chichester. New York, John Wiley.
- VINCENT, J. 2007, *L'intrusion balnéaire. Les populations littorales bretonnes et vendéennes face au tourisme (1800-1945)*, Presses Universitaires de Rennes.
- WALTON, J. (1983), *The English Seaside Resort. A Social History 1750-1915*, Leicester Uni. Press.
- WILLIAMS, A. & SHAW, G. (ed.) 1997, *The Rise and Fall of british coastal resorts – cultural and economic perspective*, Mansell.